



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ – UESC  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: LINGUAGENS E  
REPRESENTAÇÕES – PPGL**

**MARIA ALICE LINHARES COSTA**

**CONSTRUÇÃO VERBO + LOCATIVO (VLOC): padrões em evidência**

**ILHÉUS – BAHIA  
2020**

C837

Costa, Maria Alice Linhares.

Construção verbo + locativo (VLOC): padrões em evidência / Maria Alice Linhares Costa. – Ilhéus, BA: UESC, 2020.

85 f. : il. ; anexo.

Orientadora: Gessilene Silveira Kanthack.

Dissertação (mestrado) –Universidade Estadual de Santa Cruz. Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações.

Referências: f. 77-79.

1. Língua portuguesa – Verbos. 2. Língua portuguesa – Gramática. 3. Funcionalismo (Linguística). I.Título.

CDD 469.5

**MARIA ALICE LINHARES COSTA**

**CONSTRUÇÃO VERBO + LOCATIVO (VLOC): padrões em evidência**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações, da Universidade Estadual de Santa Cruz, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre.

Área de concentração: Estudos da Linguagem

Linha de pesquisa: Língua/Linguagem em perspectiva interdisciplinar

Orientadora: Profa. Dra. Gessilene Silveira Kanthack

**ILHÉUS – BAHIA  
2020**

**MARIA ALICE LINHARES COSTA**

**CONSTRUÇÃO VERBO + LOCATIVO (VLOC): padrões em evidência**

Ilhéus, 27 de março de 2020.

---

Profa. Dra. Gessilene Silveira Kanthack  
UESC/Ilhéus-BA  
(Orientadora)

---

Profa. Dra. Márcia dos Santos Machado Vieira  
UFRJ/Rio de Janeiro-RJ

---

Prof. Dr. Urbano Cavalcante da Silva Filho  
UESC/IFBA/Ilhéus-BA

Aos meus maiores incentivadores: pai,  
mãe, irmã, namorado e avó (*in  
memoriam*).

## AGRADECIMENTOS

Agradecer é reconhecer toda e qualquer ajuda que recebemos de alguém. É ter consideração por cada apoio encontrado, em especial, nos momentos que, aparentemente, estaríamos sós. Por isso, expresso aqui a minha gratidão:

A Deus, por ser a minha fortaleza, a minha direção e a minha certeza de que, no final, tudo sempre dará certo!

A aqueles que conviveram diretamente comigo, dia a dia, nesses dois anos: meus pais, Jorge Luiz e Ana Izabel, a quem eu não tenho palavras suficientes para agradecer por todo carinho e direcionamento que recebi. Vocês são os meus maiores exemplos; minha irmã, Ana Letícia, por cada vez que assumiu as minhas responsabilidades quando eu precisei priorizar os compromissos acadêmicos; meu namorado, Iuri, por sua enorme compreensão e companheirismo a ponto de pausar seus planos para que eu pudesse concretizar os meus.

A toda minha família, em especial, à minha avó, que, mesmo após o seu falecimento, continua a me inspirar. A meu tio Ubaldo e à sua esposa, Gilvânia, por escutarem os meus desabafos e me incentivarem a continuar. A meu padrinho, Emerson, e às minhas tias Kadja, Solange e Sônia, por acreditarem em mim quando pensei que não conseguiria. À tia Luciana, pelas caronas e ótimas conversas no caminho para Uesc.

À minha querida orientadora, Gessilene, por toda dedicação e confiança direcionada a mim desde a graduação. Agradeço imensamente pela compreensão, por todos os conselhos e orientações que recebi ao longo desses anos que tanto contribuíram para a minha formação acadêmica e, também, pessoal. Não há palavras que traduzam o sentimento de gratidão por ter sido sua orientanda.

Ao grupo de pesquisa, linguagem, estruturas e práticas sociais, por cada encontro realizado e reflexões compartilhadas. Em especial, quero agradecer às meninas, Amanda, Daniela, Iolanda e Nahendi, pois as nossas conversas foram fundamentais para mim.

Ao Banco de Dados disponível no Projeto *A Brasília que não lê*, desenvolvido e coordenado pela professora Dra. Stella Maris Bortoni-Ricardo, pois foi crucial para o desenvolvimento da pesquisa.

Ao Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagens e Representações (PPGL), do qual tenho orgulho de dizer que faço parte, pela oportunidade de expandir meu conhecimento. Agradeço a cada professor pelas excelentes aulas ministradas, pelas conversas tidas e conselhos recebidos. Agradeço à Jaíne e à Valéria, pela disposição e eficiência em nos atender. Gratidão aos professores Urbano e Wagner, pela leitura atenciosa no trabalho de qualificação. Reforço, agora, meu agradecimento ao professor Urbano, por estar presente neste momento (quase) final. À professora Márcia, agradeço pelas conversas nos eventos que participamos no ano de 2019 e por aceitar estar presente nesta banca.

Aos meus colegas e amigos do mestrado, pela feliz oportunidade de compartilharmos, ao longo dessa jornada, reflexões ao longo das aulas e das pausas para o café! Sou grata, especialmente, ao companheirismo de Francielle, Renata e Renato. A nossa amizade foi um presente que a Uesc me concedeu.

Por fim, agradeço à turma de sintaxe de 2019.1, pela amistosa acolhida durante o estágio de docência; à Capes, pelo fomento da bolsa que me possibilitou dedicação à pesquisa e à participação em eventos, onde trocas importantes foram feitas; e a todos os meus verdadeiros amigos fora do espaço da pós-graduação, que, para não ser injusta, não terão seus nomes citados, mas que sabem da minha gratidão pela torcida e entendimento da minha ausência.

Finalizo esta etapa da minha vida com a certeza de que *nunca foi sorte, sempre foi Deus!*

“O tempo altera todas as coisas; não  
existe razão para que a língua escape a  
essa lei universal.”

Ferdinand de Saussure



## **CONSTRUÇÃO VERBO + LOCATIVO (VLOC): padrões em evidência**

### **RESUMO**

Tendo como base o pressuposto de que a unidade básica da língua é a construção, a qual é um pareamento convencional de forma e sentido, nos termos de Goldberg (1995; 2006), Croft (2001) e Traugott e Trousdale (2013), esta pesquisa investigou padrões formais e funcionais da construção formada por verbo + locativo (VLoc) no português brasileiro contemporâneo. Partimos da hipótese de que os padrões apresentados são motivados tanto por mecanismos cognitivos quanto comunicativos, e que esses padrões só podem ser captados se levarmos em consideração o uso da língua em situação efetiva de comunicação, como defende a Linguística Funcional Centrada no Uso. Assim, numa perspectiva sincrônica, promovemos uma análise qualiquantitativa de usos efetivos de língua falada, coletados em 40 entrevistas disponibilizadas no Banco de Dados do Projeto *A Brasília que não lê* (BORTONI-RICADO, 2009). Os resultados revelaram que a construção VLoc se distribui em dois grupos: (i) lexical, em que verbo e locativo apresentam sentido pleno e atuam no nível do léxico; (ii) procedural, em que verbo e locativo evidenciam uma forte integração das subpartes e formam um novo pareamento de forma e sentido, atuando no nível pragmático-discursivo, como modalizador e como marcador discursivo, e indicando que são modelos convencionalizados de mudanças implementadas na língua. Além de possibilitar uma relevante análise interpretativa dos padrões instanciados pela construção VLoc, a pesquisa contribui para a ampliação dos estudos descritivos do português.

Palavras-chave: Linguística Funcional Centrada no Uso. Gramática de Construções. Construção VLoc.

## **VERB + LOCATIVE CONSTRUCTION (VLOC): patterns in evidence**

### **ABSTRACT**

Based on the assumption that the basic unit of language is construction, which is a conventional pairing of form and meaning, in the terms of Goldberg (1995; 2006), Croft (2001) and Traugott and Trousdale (2013), this research investigated form and functional patterns of construction formed by verb + locative (VLoc) in contemporary Brazilian Portuguese. Starting from the hypothesis that the patterns presented are motivated by both cognitive and communicative mechanisms, and that these patterns can only be captured if taking into account the use of language in an effective communication situation, as advocated by Use-Centered Functional Linguistics. In a synchronic perspective, a qualitative and quantitative analysis of effective uses of spoken language was promoted, were collected of 40 interviews available in the Project Database of *Brasília that does not read* (BORTONI-RICADO, 2009). The results revealed that the VLoc construction is divided into two groups: (i) lexical, in which verb and locative have full meaning and act at the level of the lexicon; (ii) procedural, in which verb and locative evidence a strong integration of the subparts and form a new pairing of form and meaning, acting at the pragmatic-discursive level, as a modalizer and as a discursive marker, and indicating that they are conventional models of changes implemented in the language. In addition to enabling a relevant interpretative analysis of the patterns instantiated by the VLoc construction, the research contributes to the expansion of descriptive studies in Portuguese.

Keywords: Functional Usage Centered Linguistics. Construction Grammar. VLoc construction.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Modelo de estrutura simbólica da construção .....	22
Figura 2 – Níveis de esquematicidade construcional .....	23
Figura 3 – Modelo de hierarquia construcional.....	24
Figura 4 – <i>Clines</i> de <i>Vá lá</i> e <i>vamos lá</i> .....	32
Figura 5 – Distribuição de VLoc com funções procedurais em níveis de esquematicidade .....	69

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Relação entre os marcadores VLoc e os subtipos de injunção .....	43
Quadro 2 – Síntese das pesquisas .....	50
Quadro 3 – Parâmetros de análise da construção VLoc .....	54
Quadro 4 – Propriedades formais e funcionas dos subesquemas procedurais.....	65

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Cômputo geral das funções de VLoc.....	67
Tabela 2 – Cômputo dos subesquemas procedurais .....	68

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>CAPÍTULO 1: LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO:</b> dos pressupostos básicos à Gramática de Construções .....	15
<b>1.1 Introdução</b> .....	15
<b>1.2 Linguística Funcional Centrada no Uso:</b> pressupostos básicos.....	15
<b>1.3 Gramática de Construções:</b> a construção em foco.....	20
<b>1.4 Encerrando o capítulo</b> .....	27
<b>CAPÍTULO 2: CONSTRUÇÃO COM VERBOS E LOCATIVOS NO PORTUGUÊS:</b> o que revelam algumas pesquisas .....	28
<b>2.1 Introdução</b> .....	28
<b>2.2 A pesquisa de Teixeira (2010)</b> .....	28
<b>2.3 A pesquisa de Oliveira e Santos (2011)</b> .....	33
<b>2.4 A pesquisa de Rosa (2012)</b> .....	36
<b>2.5 A pesquisa de Teixeira (2015)</b> .....	41
<b>2.6 Encerrando o capítulo</b> .....	50
<b>CAPÍTULO 3: USOS EFETIVOS DE PADRÕES VERBO + LOCATIVO (VLOC):</b> uma análise centrada no uso .....	52
<b>3.1 Introdução</b> .....	52
<b>3.2 Caracterizando o <i>corpus</i></b> .....	52
<b>3.3 Procedimentos metodológicos:</b> coleta de dados e critérios de análise .....	53
<b>3.4 Deslizamentos formais e funcionais de VLoc:</b> a análise qualitativa .....	56
<b>3.5 Deslizamentos formais e funcionais de VLoc:</b> a análise quantitativa .....	67
<b>3.6 A hierarquia construcional da construção [VLoc] procedural</b> .....	68
<b>3.7 Finalizando o capítulo</b> .....	73
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	74
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	77
<b>ANEXO: Construtos procedurais do Banco de Dados do Projeto “A Brasília que não lê”</b> .....	80

## INTRODUÇÃO

No âmbito dos estudos linguísticos, cada vez mais têm se destacado pesquisas que centram a atenção no uso real da língua, como defende a Linguística Funcional Centrada no Uso. E, atualmente, a Gramática de Construções tem sido uma das perspectivas teóricas mais requisitadas para explicar fenômenos linguísticos que caracterizam as línguas em geral.

Desenvolvida no contexto da Linguística Cognitiva, a Gramática de Construções defende que a linguagem deve ser compreendida a partir de um modelo construcional cuja unidade convencional simbólica básica da língua é a construção, concebida como um pareamento de forma e sentido (CROFT, 2001). Nessa perspectiva, a língua é entendida como uma rede composta de pares de forma-significado (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), em que cada construção forma um nó que se conecta, de forma hierárquica, a outros nós da rede.

Trata-se de um modelo que vem sendo considerado bastante consistente para interpretar padrões mais integrados de usos linguísticos. Ou seja, ele dá conta de explicar os usos produzidos e recebidos como uma unidade de forma e sentido, já que aspectos formais e funcionais são igualmente importantes (ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016), e, portanto, devem ser considerados na descrição dos novos padrões que emergem nas práticas efetivas da língua.

Um dos padrões que chama a atenção no Português Brasileiro (PB) e que nos motivou a realização desta pesquisa envolve as microconstruções instanciadas a partir da construção formada por verbo + locativo (daqui em diante VLoc), como *sei lá*, em (1), e *peraí*, em (2), que compõem unidades integradas e veiculam funções que não são comumente reconhecidas em descrições tradicionais, como as que encontramos nas gramáticas de orientação normativa. Observemos os exemplos:

- (1) (114) Arthur Ferreira - Lá o padre lia pra vocês. Vocês entendia o que ele falava?  
 (115) Sr. P. J. - Intindia nada! Nada! Eu num intindia bulufa ni'uma.  
 (116) Arthur Ferreira - Não? Era latin que eles falava era? Ou era português que ele falava?

(117) Sr. P. J. - Eu **sei lá**, eu nem lembro mais como é que era moço!  
(SR. P. J. **A Brasília que não lê**. 05 ago. 2009).

(2) (08) Arthur Ferreira - Piauí, e a senhora nasceu quando?

(09) Sr<sup>a</sup> M. P. - Nasci no dia vinte de agosto de oite, de oitenta, **perai me confundi**. De sessenta e seis. (SRA. M. P. **A Brasília que não lê**. 17 nov. 2009).

Em (1), a microconstrução *sei lá* é composta pelo verbo cognitivo, *saber*, na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, e pelo locativo *lá*, constituindo uma unidade de forma e sentido cujo significado não está na simples soma dos significados desempenhados por suas subpartes. Tal uso indica que, ao ser questionado sobre um fato passado vivenciado em sua cidade natal, o Sr. P. J. não sabe/não tem certeza se os padres falavam em latim ou em português, sendo a ideia reforçada pelo período subsequente: *eu nem lembro mais como é que era moço!* Nessa situação, a microconstrução assume a função de modalizador, indicando menor adesão por parte do falante ao que está sendo dito.

Já, em (2), a expressão *perai*, formada pela vinculação do verbo *esperar* com o locativo *aí*, também apresenta sentido diferente da soma de suas subpartes, uma vez que não se refere à ação de aguardar por alguém em dado lugar. No caso, quando a senhora M.P. faz uso de *perai*, logo após notar que havia se confundido, o que é evidenciado com o uso posposto de *me confundi*, o seu intuito é suspender o que estava sendo dito para ganhar tempo e corrigir a informação apresentada anteriormente: a data de seu nascimento.

Esses exemplos ilustram padrões de usos que não se enquadram nas categorias rígidas e discretas das prescrições normativas, pois são padrões que só podem ser compreendidos se forem levados em consideração o cotexto (entorno linguístico) e o contexto (determinado por fatores extralinguísticos, comunicativos e pragmático-discursivos). Assim, no intuito de investigar usos desse tipo, a pesquisa teve como norte o seguinte questionamento: quais são os padrões formais e funcionais que a construção VLoc tem apresentado no português brasileiro contemporâneo?

Entendendo a gramática enquanto “representação cognitiva da experiência dos indivíduos com a língua” (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013),

defendemos como hipóteses: (i) os padrões formais e funcionais apresentados pela construção VLoc são motivados tanto por mecanismos cognitivos quanto comunicativos; (ii) nesses padrões, a característica que se destaca é a forte integração de suas subpartes, em que verbo e advérbio locativo conjuntamente passam a exprimir um novo significado não composicional e a exercer funções como modalizador e marcador discursivo.

Para a investigação, recorreremos a um *corpus* de língua falada, especificamente 40 entrevistas disponibilizadas no Banco de Dados do Projeto *A Brasília que não lê* (desenvolvido pela profa. Dra. Stella Maris Bortoni de Figueiredo Ricardo, na Universidade de Brasília, no período de 2009-2011<sup>1</sup>), atendendo, assim, a um dos princípios defendidos pela Linguística Funcional Centrada no Uso, o de que “a análise de fenômenos linguísticos deve estar baseada no uso da língua em situação concreta de intercomunicação” (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013).

Assim sendo, a pesquisa teve como objetivo geral investigar os padrões formais e funcionais que a construção VLoc tem apresentado no português brasileiro contemporâneo, e, como específicos (i) descrever e analisar qualitativamente os padrões instanciados; (ii) sistematizar quantitativamente as frequências *token* das microconstruções; (iii) atestar que a construção gramatical VLoc é um novo par forma-sentido, com funções pragmático-discursivas; (iv) propor uma rede taxonômica de VLoc procedural.

Ao término do trabalho, esperamos contribuir teoricamente com os estudos já desenvolvidos na área da Linguística Funcional Centrada no Uso e, em particular, com as descrições que têm como foco a Gramática de Construções. Além disso, almejamos proporcionar reflexões sobre o ensino de Língua Portuguesa, que, nas escolas, ainda está pautado nas descrições tradicionais. Não as desmerecemos, mas, alinhados ao objetivo do nosso programa de pós-graduação, visamos ampliá-las a partir da análise da língua/linguagem e suas representações em processo interacional.

Para fins didáticos, o resultado desta pesquisa está sistematizado em três capítulos: no primeiro, *LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO: dos pressupostos básicos à Gramática de Construções*, apresentamos um recorte dos

---

<sup>1</sup> Nesse projeto, a autora registrou histórias de vida de pessoas não-alfabetizadas residentes no Distrito Federal.

pressupostos teórico-metodológicos que nos serviram de base para o desenvolvimento desta pesquisa. No segundo, *CONSTRUÇÃO COM VERBOS E LOCATIVOS NO PORTUGUÊS: o que revelam algumas pesquisas*, descrevemos resultados de alguns estudos já realizados a partir da construção formada por verbos e locativos. No terceiro capítulo, *USOS EFETIVOS DE PADRÕES VERBO + LOCATIVO (VLOC): uma análise centrada no uso*, apresentamos nossa descrição e análise da construção VLoc. Encerramos com as considerações finais, as referências por nós utilizadas e com o anexo contendo os dados procedurais analisados.



## **CAPÍTULO 1: LINGÜÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO: dos pressupostos básicos à Gramática de Construções**

### **1.1 Introdução**

Neste capítulo, expomos pressupostos teóricos que caracterizam a chamada Linguística Funcional Centrada no Uso (doravante LCFU), um modelo de abordagem que defende como princípio básico o fato de que a estrutura da língua emerge à medida que os falantes fazem uso dela nos contextos efetivos de comunicação. Assim, na seção 1.2 “Linguística Funcional Centrada no Uso: pressupostos básicos”, apresentamos essa perspectiva teórica, que coaduna pressupostos funcionalistas e cognitivistas para explicar os deslizamentos formais e funcionais empreendidos por construções linguísticas. Na vertente mais atual da LFCU, a unidade básica de análise é a construção, por isso, na seção 1.3 “Gramática de Construções: a construção em foco”, elencamos fundamentos que são importantes para o tratamento de VLoc procedural, tendo como base Goldberg (1995; 2006), Croft (2001) e Traugott e Trousdale (2013).

### **1.2 Linguística Funcional Centrada no Uso: pressupostos básicos**

Também denominada de Linguística Cognitivo-Funcional (conforme TOMASELLO, 1998), a Linguística Funcional Centrada no Uso é fruto do diálogo entre o Funcionalismo<sup>2</sup> de vertente norte-americana, a partir dos trabalhos de Givón (1979; 1995), Traugott (2008), Bybee (2010), e o Cognitivismo, tendo por base Fillmore (1968), Goldberg (1995; 2006), Croft (2001), entre outros (ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016).

Para o Funcionalismo clássico, de acordo com Neves (2018), três princípios são de suma importância, a saber:

---

<sup>2</sup> Lembrando que o Funcionalismo Linguístico tem seu início associado à publicação das Teses, em 1929, pela Escola de Praga, com os estudiosos que se preocupavam em construir uma teoria cujo enfoque não fosse dado mais ao sistema ou à estrutura de uma língua, mas à natureza funcional da linguagem. Ao longo do tempo, diferentes modelos foram sendo propostos, dentre eles, estão: a Gramática sistêmico-funcional de Michael Halliday e a Gramática funcional de Simon Dik (cf. NEVES, 2018).

(i) a língua é entendida como um sistema funcional que serve como instrumento de interação verbal. É um sistema porque apresenta regras que regem a constituição das expressões linguísticas, bem como regras que orientam os padrões de interação verbal; é funcional porque a forma dos enunciados não pode ser compreendida independentemente de suas funções desempenhadas no ato comunicativo;

(ii) a gramática não deve ser entendida como um produto acabado, mas, sim, susceptível às pressões do uso, estando em constante formação em decorrência das vicissitudes do discurso<sup>3</sup>. Com isso, pressupõe-se que há uma estreita relação entre as estruturas linguísticas e o uso que os falantes fazem delas nos contextos efetivos de comunicação. Defende-se, portanto, a íntima relação entre gramática e discurso, no sentido de que a estrutura gramatical molda o discurso e por ele é moldada. Isso significa que a pragmática está integrada aos componentes sintáticos e semânticos da gramática;

(iii) a análise dos fatos linguísticos deve partir dos usos efetivos, uma vez que compreender a língua como um sistema funcional e adaptativo, que permite ao falante fazer escolhas apropriadas a seus interesses comunicativos, implica recorrer a usos reais de língua, envolvendo, assim, tudo aquilo que caracteriza a situação comunicativa.

A Linguística Cognitivista, por sua vez, parte do pressuposto de que a formação do conhecimento humano se dá a partir da interação do organismo com o meio. Nesse sentido, assume que:

(i) a linguagem não é uma faculdade cognitiva autônoma; as habilidades cognitivas que envolvem o conhecimento linguístico são as mesmas usadas pelos seres humanos em outras atividades cognitivas, como raciocínio, percepção visual e atividade motora (CROFT; CRUSE, 2004);

---

<sup>3</sup> De acordo com Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013, p.14), discurso, para o Funcionalismo Linguístico, “constitui qualquer instância autêntica de uso da linguagem em todas as suas manifestações”.

(ii) a língua é entendida como um repositório do conhecimento do mundo, sendo composta por unidades simbólicas de forma e significado governadas por processos cognitivos (CROFT; CRUSE, 2004) que auxiliam na estocagem de informações oriundas das experiências do indivíduo com o mundo às informações já contidas na mente;

(iii) em sendo a gramática o produto da interação humana com o meio, ela é conceptual e simbólica, pois reflete a “representação cognitiva da experiência dos indivíduos com a língua” (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013, p.14). O conhecimento linguístico envolve o conhecimento de mundo que, por sua vez, é mediado pela linguagem. A significação não está fixada nos itens linguísticos, ainda que eles apresentem potencial de sentido, mas só será constituída no momento da interação em determinado contexto de uso. Dessa forma, a análise também deve envolver os usos efetivos (SPERANÇA-CRISCUOLO, 2014).

Ambas as perspectivas, Funcionalismo e Cognitivism, defendem que há uma estreita relação entre as estruturas linguísticas e os usos reais nos contextos comunicativos, por isso, os dados para investigação devem ser enunciados que ocorrem no discurso natural. Também assumem que a semântica e a pragmática devem ser incorporadas nas análises linguísticas, e que não há distinção categorial entre léxico e gramática, pois gramática e discurso estão intrinsecamente relacionados, de forma que um impacta o outro. É no discurso e pelo discurso que se forma o sistema linguístico (FURTADO DA CUNHA, 2012).

O compartilhamento de pressupostos como esses levou, então, à criação da chamada LFCU, uma tendência funcionalista que defende a necessidade de se descrever e explicar a gramática da língua a partir do uso que os indivíduos fazem dela em práticas de interação comunicativa (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013). Nesse sentido, uma análise mais holística dos usos linguísticos deve ser empreendida, pois o pressuposto é que as dimensões formais (que contemplam aspectos fonológicos e morfossintáticos) e funcionais (que dão conta de aspectos semântico-cognitivos e discursivo-pragmáticos) precisam ser incorporadas às investigações.

Para a LFCU, a língua tem sua estrutura forjada através do uso e é concebida como um sistema adaptativo complexo (BYBEE, 2010). Adaptativo porque se

modifica na experiência linguística do falante com o mundo e pelas habilidades cognitivas; complexo, pois não é governado por um único sistema. Há um sistema estrutural, que rege a constituição das expressões linguísticas, e outro funcional, que rege os padrões de interação verbal.

A propósito, são nas interações que a língua é moldada, o que implica assumir que ela está sujeita às necessidades subjetivas e intersubjetivas dos seus usuários, entendendo-as como direcionadoras do processamento discursivo. A subjetivação está relacionada ao aumento da expressividade consequente da perspectiva do emissor, pois o foco está nele e em suas crenças e atitudes. Rosário (2015, p. 40) afirma que a subjetividade enriquece as expressões linguísticas, pois surge “na tensão entre a tendência do emissor de não dizer mais do que o necessário (princípio da economia) e a do receptor de selecionar a interpretação mais informativa do que se diz, a mais relevante”.

Já a intersubjetivação envolve crucialmente as expectativas do receptor e a “utilização de recursos linguísticos para a atuação do interlocutor, com vistas à sua adesão ou anuência ao que é declarado” (ROSÁRIO, 2015, p. 40). Significados (inter)subjetivos são interpessoais, pois surgem na interação entre os sujeitos participantes do evento comunicativo, e geram “mudanças de significados em itens e construções lexicais específicas.” (TRAUGOTT; DASHER, 2005, p. 32).

A gramática, nessa perspectiva, é entendida como um “sistema de conhecimento linguístico hipotético que inclui não só a morfossintaxe, semântica e fonologia, mas também a pragmática e funções discursivas” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 95). Ela é compreendida como um conjunto de esquemas ou processos simbólicos utilizados na produção e organização daquilo que permite ao falante se comunicar (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013), sendo motivada por fatores diversos, a exemplo dos cognitivos, explicados teoricamente em termos de processos e categorias analíticas, tais como: categorização, encadeamento (*chunking*), analogia e memória enriquecida (BYBEE, 2010).

A categorização é o processo mais básico da cognição e está associado à prototipicidade. Consiste na ação automática e inconsciente de agrupar todos os objetos e eventos do nosso mundo físico, biológico e sociocultural em categorias pela presença/ausência de traços mais ou menos gerais. Isto é, o pertencimento a uma dada categoria é gradual e pautado em exemplares que contêm propriedades que são centrais à categoria, enquanto outros são mais marginais, tornando difusa a

fronteira entre as categorias. Um exemplo é a categoria de verbos na qual são agrupados representantes a partir de um exemplar prototípico, possibilitando que o indivíduo, ao se deparar com um verbo desconhecido, consiga identificá-lo como tal, por saber que se trata de um termo que varia quanto ao número, pessoa, tempo e modo.

Assim, a categorização linguística está associada ao modo como os indivíduos armazenam os novos dados em classes com base nos signos já existentes. De acordo com Bybee (2010), esse processo está relacionado à frequência e à memória, pois, ao usar a língua, o falante acessa representações já estocadas. Quanto mais frequente for uma representação, mais facilmente ela será acessada e mais facilmente será usada como referência para a categorização de novos usos.

O encadeamento (*chunking*), segundo Bybee (2010), é o processo pelo qual sequências de unidades se unem para formar unidades mais complexas. Em outras palavras, é uma relação sequencial desenvolvida pelo uso frequente de duas ou mais unidades juntas, de tal forma que quanto mais frequente for esse uso, maior será a força dessa relação. Um *chunk* (“pedaço”) é a unidade de organização da memória acionada principalmente por meio da repetição. Dessa forma, é através do *chunking* que o armazenamento de grandes informações na memória se torna viabilizado. É um processo que faz com que, na linguagem, sequências de unidades usadas juntas, com frequência, passem a ser interpretadas como uma unidade simples, incidindo sobre a analisabilidade e o grau de transparência dos significados das expressões.

A analogia, assim como a categorização, é um processo cognitivo de domínio geral, segundo o qual novos enunciados são criados a partir de outros já existentes, previamente experienciados e convencionalizados. As construções possuem posições esquemáticas compostas por um conjunto de itens armazenados em categorias<sup>4</sup>, e é a analogia o mecanismo de processamento que possibilita que essas posições sejam usadas de maneira produtiva, isto é, com novos itens lexicais, sintagmas ou novas construções. A aceitabilidade e a probabilidade dessas

---

<sup>4</sup> Quando Bybee (2010) coloca essa afirmação, ela está se referindo, por exemplo, às posições de sujeito, verbo e objeto, as quais serão ocupadas por itens armazenados nas categorias de sujeito (substantivo ou um pronome), de verbo (sempre verbo) e de objeto (substantivo, pronome, adjetivo).

formações por analogia são baseadas na extensão de similaridade com os usos antigos da construção (BYBEE, 2010).

Bybee (2010) defende que o pensamento analógico é a base para a criação de novos enunciados, pois, conforme a autora, novos enunciados não são tão novos assim, mas se baseiam em enunciados anteriores e contêm muitas *prefabs* (expressões de muitas palavras que são acessadas como únicas unidades do estoque cognitivo). A criatividade linguística decorre do fato de que esses novos enunciados apresentam maior ou menor grau de similaridade com os *prefabs*.

A memória enriquecida, por sua vez, corresponde ao armazenamento de detalhes oriundos da experiência com a língua, os quais englobam desde aspectos fonéticos a aspectos pragmáticos, como as inferências ligadas a determinados usos em situações específicas e informações sobre o contexto físico, social e linguístico. Esses detalhes são armazenados como exemplares e são acionados pelo falante para formar, por exemplo, novas construções (BYBEE, 2010).

Além de considerar princípios como os que mencionamos, na análise dos fenômenos linguísticos, um outro fator bastante destacado pela LFCU é a frequência de uso. Ela exerce papel relevante para a rotinização dos itens e, segundo Bybee (2003), atua de forma significativa nos processos de mudança. Ela é bastante usada no modelo mais recente da LFCU, que, como veremos na próxima seção, é um modelo de gramática que leva em conta a construção, e não mais a unidade isolada, pois o pressuposto é que o binômio *forma* ↔ *sentido* deve ser analisado de modo integrado, contemplando as propriedades que compõem a dimensão formal (sintaxe, morfologia e fonologia) e a dimensão do sentido (nos níveis semântico, pragmático e discursivo-funcional).

### **1.3 Gramática de Construções: a construção em foco**

Gramática de Construções (doravante GC) corresponde a um modelo teórico que defende a concepção de que a linguagem deve ser compreendida a partir de um modelo construcional cuja unidade convencional simbólica básica da língua é a construção, concebida como um pareamento de forma e sentido (CROFT, 2001). Desenvolvida no contexto da Linguística Cognitiva, a GC (GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2001; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) postula que os níveis fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática são inseparáveis e que não há distinção

entre o componente linguístico e o não linguístico, pois a linguagem está ligada às mesmas capacidades humanas que atuam na construção do conhecimento não-linguístico.

A língua, assim, passa a ser entendida como uma rede de construções composta de pares de forma-significado (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), em que cada construção forma um nó que se conecta, de forma hierárquica, a outros nós da rede. Para essa abordagem, a construção inclui desde unidades menores a estruturas mais complexas (GOLDBERG, 1995; 2006).

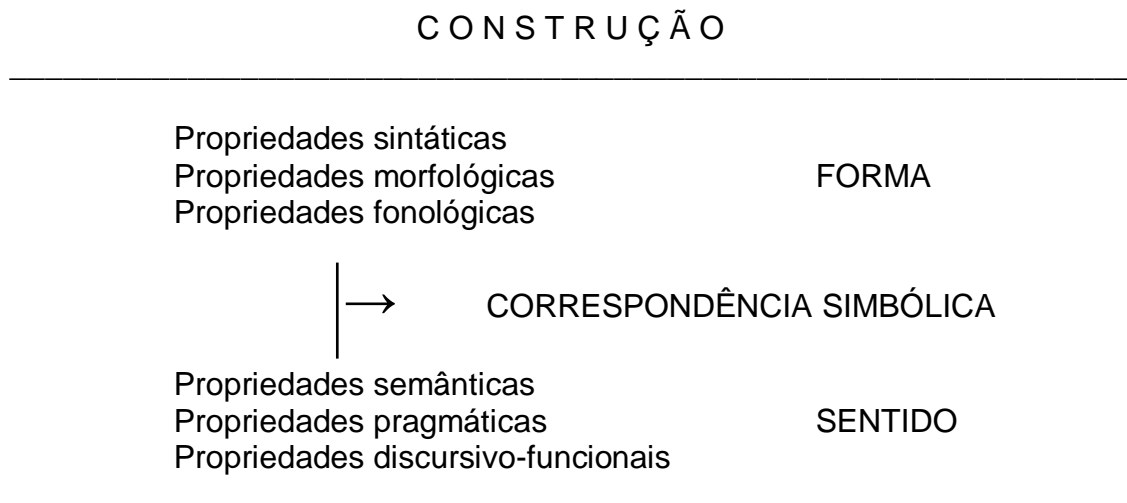
Construções, segundo Traugott e Trousdale (2013), são entendidas como unidades simbólicas convencionais. São simbólicas porque são signos, resultantes de associações arbitrárias de forma e significado, são convencionais porque são usadas e compartilhadas na comunidade de fala. São unidades porque “em que algum aspecto do signo é tão idiossincrático (Goldberg 1995) ou tão frequente (Goldberg 2006) que o signo está arraigado como um pareamento de forma-significado na mente do usuário da língua” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p.1).

Por pareamento, entende-se a forte ligação entre forma e sentido<sup>5</sup>, a qual Croft (2001) denomina de elo de correspondência simbólica, em que não há predomínio das propriedades da forma sobre as do sentido, nem o inverso. Segundo esse autor, a língua, nessa perspectiva, é definida como o conjunto de construções específicas e hierarquizadas que, interconectadas, compõem uma ampla rede, na qual propriedades fonológicas, morfossintáticas, semânticas, pragmáticas e discursivas se encontram integradas. Para representar essa ideia, Croft (2001, p.18) propõe o modelo conforme indica a Figura 1:

---

<sup>5</sup>Os termos *significado* e *sentido* são utilizados, aqui, como sinônimos para se referirem a qualquer aspecto convencionalizado do eixo da função de uma construção, contemplando propriedades da situação descrita como também do discurso em que o enunciado está inserido.

Figura 1 – Modelo de estrutura simbólica da construção



Fonte: Croft (2001, p.18).

Ou seja, uma construção deve ser entendida como uma unidade gramatical, e, nessa perspectiva, não pode ser analisada de forma isolada, mas levando em consideração toda a sua composição de forma e sentido. Por exemplo, uma microconstrução como *dar bola*, usada para falar sobre um sinal de interesse, um flerte, não pode ser analisada levando em conta cada uma das palavras isoladamente, mas a unidade que elas duas compõem.

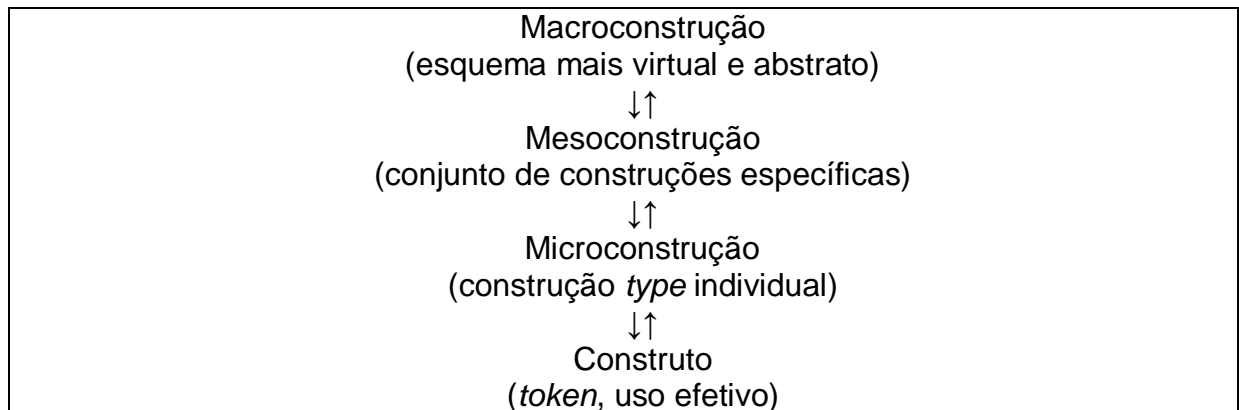
Essa compreensão redireciona os estudos de gramaticalização<sup>6</sup>, os quais levavam em conta os itens isolados, com ênfase na forma, numa perspectiva diacrônica (com destaque na trajetória desses itens), ou na função, numa perspectiva sincrônica (com atenção nos aspectos funcionais).

Para a GC, o processo de mudança linguística não acomete apenas um item sozinho, mas toda a construção, podendo acarretar *mudanças construcionais* (alterações que impactam sobre os traços ou características de construções já existentes) ou *construcionalizações* (quando há criação de um novo e convencionalizado pareamento de forma-sentido) (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Isso ocorre a partir de duas direções, de cima para baixo, ou de baixo para cima, conforme indica a Figura 2, proposta por Traugott (2008):

<sup>6</sup>A propósito, gramaticalização, termo atribuído à Meillet (1912), corresponde a um processo no qual, em determinados contextos linguísticos, itens lexicais passam a exercer funções gramaticais, e, se já gramaticais, continuam a desenvolver novas funções gramaticais (HOPPER; TRAUGOTT, 2003[1993]).



Figura 2 – Níveis de esquematicidade construcional



Fonte: Traugott (2008)

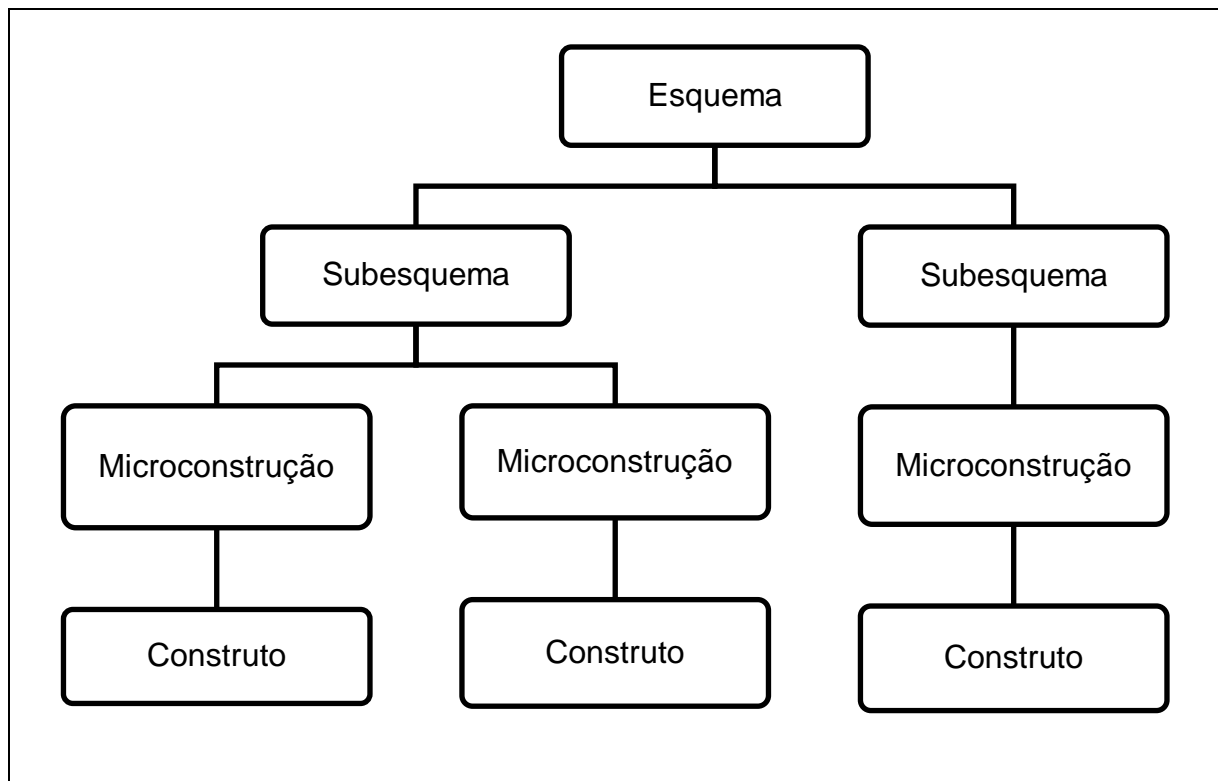
Nesse esquema construcional, as setas representam a direcionalidade<sup>7</sup> assumida pela GC, pois há movimentos *top-down*, isto é, de cima para baixo, e *bottom-up*, de baixo para cima. Em termos práticos, significa dizer que, na primeira rota, em direção à *mudança construcional*, parte-se de um modelo mais genérico e abstrato já existente na mente dos falantes (uma macroconstrução) para a formação de novos exemplares, construções menos abstratas com comportamentos semelhantes, mas com propriedades mais específicas (mesoconstruções) que, seguindo um padrão de frequência particular (microconstrução), se tornam regular em cada contexto de uso (construto).

Na segunda rota, em direção à *construcionalização*, as setas indicam o caminho inverso, um processo gradual que, a partir do uso efetivo (construto), possibilita a criação de novos conjuntos e modelos abstratos, isto é, de novos pareamentos (de forma-sentido) que podem ser fixados na língua. Seja numa direção, seja na outra, o *locus* de investigação das pesquisas que levam em consideração os usos efetivos de língua está no nível mais baixo, nos chamados construtos, que correspondem aos usos concretos da língua.

Na perspectiva de Traugott e Trousdale (2013), o modelo representado na Figura 2 passa a ter uma outra configuração, como se pode ver na Figura 3:

<sup>7</sup>Nos estudos de gramaticalização, assume-se o princípio da unidirecionalidade, o qual é entendido como a “relação entre dois estágios A e B, tal que A ocorre antes de B, mas não vice-versa” (HOPPER; TRAUGOTT, 2003 [1993], p.100).

Figura 3 – Modelo de hierarquia construcional



Fonte: Traugott e Trousdale (2013)

Como se pode notar nessa Figura 3, o sistema hierárquico é organizado em níveis. Os esquemas são generalizações de nível mais abstrato que possuem *slots*, espaços vazios que serão preenchidos por determinados elementos na construção; os subesquemas são os níveis em que a semântica do *slot* é especificada; as microconstruções representam tipos individuais de construção cujos *slots* são totalmente preenchidos; os construtos correspondem às ocorrências empiricamente atestadas, instâncias de uso produzidas por um dado falante em uma dada situação e com um determinado propósito comunicativo (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

A propósito desse sistema hierárquico, ele é interpretado a partir de *links*, representados na rede construcional por traços, ora contínuos (quando a ligação existente entre as construções é mais forte), ora pontilhados (quando a relação entre as construções é mais fraca). Esses *links* demonstram que as construções compartilham entre si determinadas propriedades que cooperam para a manutenção da gradiência em toda a rede. Segundo Goldberg (1995), os *links* podem ser de dois tipos: relacionais e de herança.

Os *links* de herança dizem respeito às relações verticais entre as construções, ou seja, referem-se aos diferentes níveis esquemáticos, em que uma construção de

nível mais baixo herda características de uma de nível mais alto. Embora existam casos de herança múltipla, em que uma construção herda características de duas ou mais construções, na Figura 3 temos a demonstração de um caso de herança simples.

Já os *links* relacionais representam os diferentes modos em que os pareamentos de forma-sentido podem se relacionar entre si. Segundo Goldberg (1995), eles são de quatro tipos: a) *links* polissêmicos: referem-se às relações semânticas entre a extensão de sentido de uma construção e o seu sentido prototípico. Em outras palavras, esses *links* representam a ampliação da parte funcional de uma construção cuja parte formal se mantém, em decorrência de seu uso em novos contextos comunicativos; b) *links* por subparte: relação entre uma construção maior e de existência independente e a sua subparte; c) *links* por extensão metafórica: envolvem um mapeamento metafórico específico. Nesse caso, a construção que a princípio era utilizada no domínio concreto passa a ser utilizada em um domínio mais abstrato; d) *links* por instanciação: ocorre quando uma construção em particular é um caso especial de outra.

Para explicar as dimensões que envolvem as construções na hierarquia construcional, Traugott e Trousdale (2013) consideram três fatores relevantes: esquematicidade, produtividade e composicionalidade.

A esquematicidade é definida como “uma propriedade de categorização que crucialmente envolve abstração. Um esquema é uma generalização taxonômica de categorias, sejam linguísticas ou não”, portanto, “esquemas linguísticos são abstratos, grupos semanticamente gerais de construções, sejam procedurais ou de conteúdo” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p.13). Nesse sentido, a esquematicidade está relacionada à capacidade cognitiva humana de abstrair, de fazer generalizações (criar esquemas – *bottom-up*) e instanciações (formar concretamente construtos a partir de esquemas – *top-down*), de modo que quanto mais esquemática for uma construção mais abstrata ela será e apresentará mais *slots* a serem preenchidos.

Existem, portanto, construções mais ou menos esquemáticas, o que faz da esquematicidade um fator gradual. Por exemplo, a partir do uso *Maria comprou um presente para sua mãe*, identificamos, por meio do processo de abstração, o esquema *Sujeito + Verbo + Complementos verbais*. Esse esquema servirá de base para que o falante produza outros usos e, por ser mais esquemático, apresenta

menos especificações formais e funcionais do que o subesquema que ele instancia, como Suj. agente+ V<sub>bitransito</sub>+ OD + OI.

A produtividade, por sua vez, refere-se à extensão de padrões existentes que instanciam novos tipos de construções menos esquemáticas, isto é, diz respeito à quantidade de construções específicas que os esquemas mais abstratos conseguem instanciar (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p.17). Isso significa que, assim como ocorre com a esquematicidade, a produtividade também é um fenômeno gradiente, pois, do mesmo modo que as construções podem ser mais ou menos esquemáticas, elas podem ser mais ou menos produtivas, o que dependerá de suas frequências *type* e *token*. Segundo Bybee (2010), a frequência *token* diz respeito à quantidade de vezes que uma microconstrução ocorre numa determinada situação comunicativa, já a frequência *type*, ao número de diferentes microconstruções instanciadas por um mesmo padrão.

A composicionalidade, por sua vez, se refere ao grau de compatibilidade e incompatibilidade entre forma e significado no nível da construção. Esse fator se aplica tanto no âmbito semântico (o significado das partes e do todo) quanto no sintático (integridade morfosintática das subpartes). Segundo Traugott e Trousdale (2013, p.19), a

sintaxe é composicional na medida em que constrói expressões recursivamente bem formadas mais complexas, com base nas menores, enquanto a semântica é composicional na medida em que constrói os significados de expressões maiores com base nos significados das expressões menores.

Isso significa que, em termos semânticos, uma construção será mais composicional quando o significado das partes é recuperado no significado do todo. Já em termos sintáticos, significa dizer que ela será mais composicional quando mantiver as propriedades gramaticais de sua categoria fonte. No dizer de Traugott e Trousdale (2013, p. 19), “se o constructo é semanticamente composicional, então tão logo o falante produza uma sequência sintaticamente convencional o ouvinte entende o sentido de cada item individual”, o que levará o ouvinte a ser capaz de decodificar o sentido da unidade formada. Por outro lado, se a unidade não for composicional, o ouvinte terá dificuldades para interpretar, pois haverá incompatibilidade entre o significado dos itens individuais e o significado do todo.

Os fatores produtividade e esquematicidade estão relacionados de tal modo que quanto mais esquemática for uma construção maior a sua frequência *type*, e, muitas vezes, mais produtiva, pois apresentará mais *slots* com menos restrições de preenchimento e menos composicional ela será. O aumento da frequência *token* de uma construção pode torná-la convencionalizada. Uma vez que um esquema é convencionalizado, poderá servir de modelo para a criação de outras instâncias, aumentando a frequência *type* da construção.

Esses três fatores, esquematicidade, produtividade e composicionalidade, além de atuarem na formação da hierarquia construcional, funcionam também como variáveis de análise para atestar os processos de mudanças. Se um constructo for, por exemplo, mais esquemático, mais produtivo e menos composicional, o pressuposto assumido é o de que a mudança está consolidada ou em vias de ser consolidada. Se, por outro lado, o constructo for menos esquemático, menos produtivo e mais composicional, o pressuposto é o de que a mudança ainda está no nível da inovação (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

#### **1.4 Encerrando o capítulo**

Neste capítulo, apresentamos fundamentos que caracterizam a chamada Linguística Funcional Centrada no Uso, bem como a abordagem construcional da gramática. Compreendemos que uma análise que une os pressupostos teóricos aqui apresentados permite uma melhor sistematização da construção linguística, unidade básica da língua. Ao contemplar, de forma integrada, as dimensões da forma e do sentido, podemos dar um tratamento mais completo e mais sistemático para as unidades que se constituem a todo momento em práticas efetivas de língua. E é por meio desse recorte teórico que alguns estudiosos têm abordado microconstruções envolvendo verbo e locativo, como veremos no próximo capítulo.

## CAPÍTULO 2: CONSTRUÇÃO COM VERBOS E LOCATIVOS NO PORTUGUÊS: o que revelam algumas pesquisas

### 2.1 Introdução

Para exemplificar como microconstruções envolvendo verbos e locativos no português têm sido estudadas por meio da Linguística Funcional Centrada no Uso, descrevemos, neste capítulo, as análises de quatro pesquisas empreendidas. O capítulo está assim estruturado: em 2.2, com “A pesquisa de Teixeira (2010)”, vemos as explicações dadas para o uso das expressões *vá lá* e *vamos lá*; em 2.3, com “A pesquisa de Oliveira e Santos (2011)”, apreendemos os resultados referentes ao uso da construção *sei lá*; em 2.4, com “A pesquisa de Rosa (2012)”, conhecemos o tratamento dado às expressões *espera aí* e *espera lá*; por fim, em 2.5, com a “A pesquisa de Teixeira (2015)”, temos explicações construcionais dadas a uma classe específica de marcadores discursivos formada de verbo e locativo.

### 2.2 A pesquisa de Teixeira (2010)

Teixeira (2010), em sua dissertação “Padrões de uso de *vá lá* e *vamos lá* na norma brasileira do Português: micro-construções e gramaticalização”, analisou as combinações formadas pelo verbo *ir* + o locativo *lá*, *vá lá* e *vamos lá*, partindo da hipótese de que, em contextos específicos, os elementos que as compõem perdem autonomia e deixam de exprimir os sentidos originais para tornarem-se uma nova construção, expressando novo sentido em prol da eficiência comunicativa.

Para essa investigação, a autora utilizou textos da modalidade falada e escrita, de diferentes períodos: séculos XIX e XX (*Corpus* do português); séculos XX e XXI (Revista Brasileiros, Revistas do Grupo Abril, Revista do Grupo Globo e *Corpus* D&G, PEUL/UFRJ, NURC-RJ/SP); século XXI (Internet-site: Google). No levantamento, ela registrou ocorrências com arranjos mais lexicais e ocorrências que formavam unidade integrada, denominada de construção. O primeiro tipo é formado pelo verbo *ir* e o locativo *lá*, que, juntos, compõem o *frame*<sup>8</sup> espacial, como ilustram (1) e (2):

---

<sup>8</sup> Entendemos por *frame* todo o trecho mais amplo do texto no qual a microconstrução está contida. O *frame*, também conhecido como moldura ou enquadramento, representa a cena comunicativa e é

- (1) Eu conheço vários caras que moram na favela, e não pagam pau pra ninguém trocando idéia. Têm uma idéia formada do mundo, sabem o que é bom, o que é ruim... Só que passam o maior veneno! Sofrem, às vezes não têm o conforto de ter todo dia o que comer... Mas não querem que você **vá lá** dar de graça. Querem ter condições de ganhar o seu sem se humilhar pra ninguém. (TEIXEIRA, 2010, p. 95).
- (2) Eu e o Cássio somos voluntários da fundação. Sempre que dá, **vamos lá** brincar, dar banho, carinho, beijo. Eles só precisam de amor e infraestrutura. O artista tem oportunidades, ao longo de sua trajetória, de ter contato com instituições, mas acho que num determinado momento da vida acontece a mágica. (TEIXEIRA, 2010, p. 95).

Diferentemente de (1) e (2), em que verbo e locativo mantêm autonomia sintática e semântica, em (3) e (4), as ocorrências indicam que as subpartes têm maior vinculação de forma e sentido:

- (3) Ao longo do governo Lula, o PT foi deixando aos poucos de ser “o” partido do presidente para ser um dos partidos da coligação de governo. **Vá lá** que tenha os ministérios mais importantes, mas está longe de conduzir o processo político e de conformar o pensamento estratégico do governo. (TEIXEIRA, 2010, p. 35).
- (4) Uma charge na revista *New Yorker* de algum tempo atrás mostrava um cidadão da Roma antiga que, ao datar um documento, faz um gesto de desconsolo e se lamenta: "Esqueci de novo! Pus a.C. em vez de d.C.". Explicar a graça de uma piada é a melhor forma de desmoralizá-la, mas, **vamos lá**, abramos uma exceção. O romano cometia o mesmo erro, hoje tão comum, de ao emitir um cheque, no começo do ano, repetirmos a data do ano que terminou. (TEIXEIRA, 2010, p. 60).

Em ambas as microconstruções destacadas, verbo e locativo não exercem suas funções plenas, pois, nesses contextos de usos, estão formando unidade integrada de forma e sentido. Em (3), *vá lá* atua como um marcador discursivo, introduzindo um comentário que indica consentimento de que há *ministérios mais importantes*. Em (4), *vamos lá* é usada para sinalizar que, embora não concorde com a explicação de uma piada, pois isso faz com que a descaracterize, será aberta uma exceção para tornar clara a opinião sobre a atemporalidade dos erros humanos. Esse sentido é influenciado pelo entorno linguístico da combinação que garante o caráter contra argumentativo apresentado pela microconstrução.

Do total de 500 ocorrências registradas, 160 foram de combinações com arranjo prototípico e 340 de combinações que formavam unidade integrada, sendo 125 de *vá lá* e 215 de *vamos lá*. Essas microconstruções, segundo Teixeira (2010), atuavam como marcadores discursivos sequenciadores, promovendo a ligação textual entre as porções de informações e demarcando as perspectivas dos interlocutores na interação.

Especificamente, *vá lá* configura um caso de poligramaticalização<sup>9</sup> e pode funcionar ora como um marcador de injunção (MI), pois “leva o destinatário a realizar alguma ação” (TEIXEIRA, 2010, p.14-15), ora como um marcador de consentimento (MC): “codifica a atitude do falante em relação à proposição, denotando sua crença” (Ibidem, p.15). No primeiro caso, a inferência sugerida<sup>10</sup> é de ordem, em que determinação e cenas de tensão são comuns. No segundo, diante do caráter opinativo, a inferência sugerida é “de consentimento, de concordância com aquilo que foi estabelecido na proposição anterior, seja uma opinião geral, de terceiros ou própria” (Ibidem, p.107), predominando em sequências do tipo argumentativas.

Quanto à construção *vamos lá*, além de marcador de injunção (MI), funciona como marcador de mudança de tópico (MMT), ao conduzir “o destinatário a um novo tópico discursivo ou a uma expansão do tópico ou ainda a um subtópico” (Ibidem, p.15), ou como marcador de especificação (ME): “apresenta uma especificação do conteúdo da proposição anterior” (Ibidem, p.15).

<sup>9</sup> Poligramaticalização ocorre quando, durante o processo de mudança, uma mesma construção se gramaticaliza em mais de uma direção, seguindo trajetórias distintas com usos e funções diferentes. (BRAGA; PAIVA, 2003, *apud* TEIXEIRA, 2010, p.106).

<sup>10</sup> A inferência sugerida, de acordo com Traugott e Dasher (2005), é um processo *online* cuja ênfase está na negociação de significado entre falante e ouvinte. O falante, inconscientemente, ao produzir determinado construto, sugere, convida a interpretações, o ouvinte infere e interpreta, podendo ser de uma maneira inovadora.



Vejam os alguns exemplos:

- (5) Pois há aqui um pão que não vai ao forno? - Para ser aquecido. Ora! O senhor está caçoando! **Vá lá**, diga de uma vez: Quer ou não o pão torrado? - Não, quero ao natural, sou naturalista. Francamente, Sr. Anselmo, isto é hediondo! É medonho! E almoças e jantas nesta casa? Quem é o teu médico? (TEIXEIRA, 2010, p. 110).
- (6) A explicação deste suspiro, inverossímil num homem que está rebentando de cólera, é um tanto delicada para se dizer em letra redonda. Mas **vá lá**; ou não se há de contar nada, ou se há de dizer tudo. Ernesto dava-se em casa do Sr. Vieira, tio de Rosina, que é o nome da namorada. (TEIXEIRA, 2010, p. 114).
- (7) F: ...(Ruídos) tá mais perto ainda, né? (pausa)  
 E: (falando rindo) Quarenta minutos. (inint) (risos) Tá certo. **Vamos lá**. Como tem sido os seus estudos para se preparar para o vestibular?  
 F: Ah, eu como já acabei agora! (riso e) Já fiz tudo! Graças a Deus!... Aí eu...  
 E: Então como foi? né? Como foi? (TEIXEIRA, 2010, p. 123).
- (8) Se o plano for aprovado como foi apresentado, o Secretário do Tesouro Hank Paulson será transformado numa espécie de ditador das finanças americanas. Ele quer um cheque em branco. (...). Já deu para entender o bastidor deste negócio de US\$ 700 bilhões, não? A questão complica na hora em que se define o papel de cada um. **Vamos lá**: quem decide quais papéis comprar? O Secretário. Quem decide quanto vai pagar? O Secretário. Quem escolhe os intermediários da compra? O Secretário. Para não deixar dúvidas, o texto reafirma que estes poderes podem ser exercidos “sem limitação.” (TEIXEIRA, 2010, p. 125).

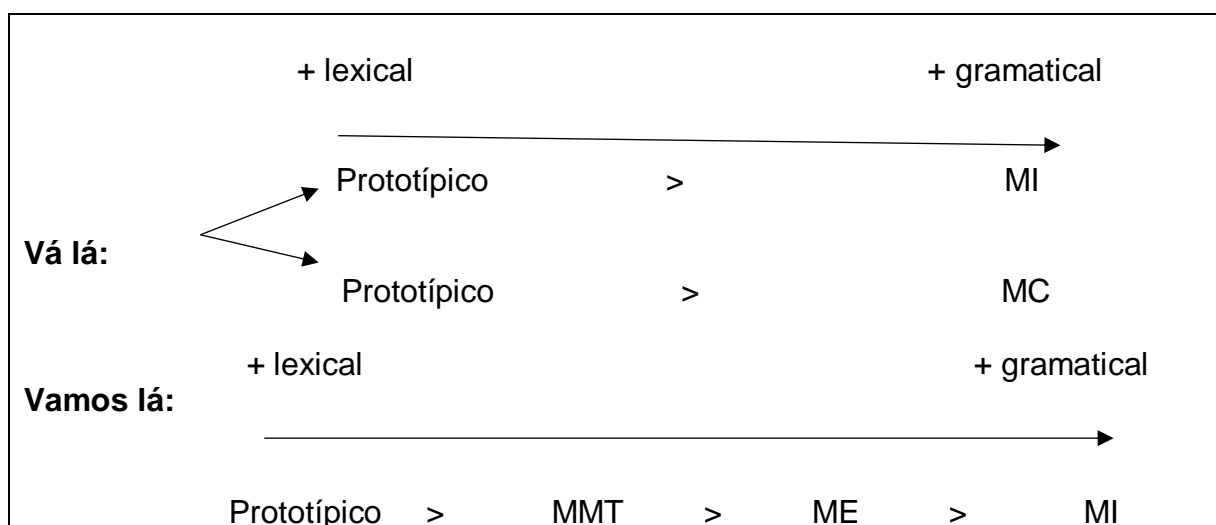
De acordo com a autora, a cena de tensão, como a retratada em (5), é observada frequentemente com inferências de injunção. O falante, irritado com seu interlocutor que aparentemente estava “caçoando”, ordenou-lhe com o uso do *vá lá*

que dissesse logo se queria ou não comer o pão torrado, sendo, nesse contexto, classificada como um MI. Já, em (6), *vá lá* funciona como um marcador de consentimento, uma vez que o período anterior é uma sequência argumentativa que visa explicar o comportamento de Ernesto e o *vá lá* permite a explicação seguinte.

Em (7), a função é de marcador de mudança de tópico: inicialmente, o falante discorria sobre o tempo, questionando quanto faltava para acabar; o entrevistador responde e, em seguida, ao usar a construção *vamos lá*, muda o tópico, fazendo-lhe uma pergunta sobre os estudos para o vestibular. Em (8), a microconstrução classificada como um ME, ao ser empregada depois de uma pausa e antes da enumeração, funciona estrategicamente como um reforço argumentativo na defesa do ponto de vista do falante. Ao especificar/enumerar as responsabilidades do secretário, o falante fortalece a sua opinião na tentativa de convencer o seu destinatário para o fato de que se o plano for aprovado sem alterações o secretário será semelhante a um *ditador das finanças americanas*, já que seus *poderes podem ser exercidos “sem limitação”*.

Tendo em vista os usos analisados, Teixeira (2010) explica as funções assumidas por *vá lá* e *vamos lá* a partir da ideia de *clines*, isto é, etapas que sinalizam a trajetória da mudança linguística empreendida por essas microconstruções, como representados na Figura 4:

Figura 4 – *Clines* de *Vá lá* e *vamos lá*



Fonte: elaboração própria a partir dos *clines* propostos por Teixeira (2010, p.107-118).

Por se tratar de um caso de poligramaticalização, a microconstrução *vá lá* se gramaticalizou em mais de uma direção, como indicam as duas setas: numa, de um uso lexical (que faz referência ao universo bio-psíquico-social), deu origem ao marcador de injunção (MI), em outra, ao marcador de consentimento (MC), ambos com propriedades gramaticais. Já a construção *vamos lá* seguiu uma única trajetória de mudança, partindo da função lexical e, sequencialmente, exercendo as funções de marcador de mudança de tópico (MMT), marcador de especificação (ME), e, em nível mais abstrato (+ gramatical), marcador de injunção (MI). Essas novas funções, segundo a autora, ampliaram a categoria dos marcadores discursivos já existentes no português brasileiro.

### 2.3 A pesquisa de Oliveira e Santos (2011)

Oliveira e Santos (2011), no artigo intitulado “Padrões de uso da expressão *sei lá* no Português”, apresentaram os padrões de *sei lá*, considerando que essa expressão é resultante do processo de gramaticalização, um fenômeno de mudança que implica em alteração das propriedades formais e funcionais dos elementos que a compõem. Com as mudanças, verbo e locativo passam a formar uma unidade de forma e de sentido e a assumir funções pragmático-discursivas, tais como a de modalizador (9) e a de marcador discursivo (10):

(9) o casamento não é indissolúvel ... também não acredito nisso ... existem incompati/incompatibilidades e ... se elas forem ao ponto de uma não ... é ... de uma não convivência ... **sei lá** de um ... de uma incompreensão geral em todos os âmbitos mas existe ... toda relação tem dificuldades e elas devem ser superadas no convívio (OLIVEIRA; SANTOS, 2011, p. 367).

(10) pra falar a verdade... o lugar que eu mais gosto de ficar é o banheiro da minha casa... ((riso de E)) é... olha... quando você está... **sei lá**... quando eu estou triste assim... eu vou pro banheiro... fecho a porta... é o único lugar que tem chave... então... bom... o banheiro é pequeno... é estreito... (OLIVEIRA; SANTOS, 2011, p. 367).

Em ambos os exemplos, a microconstrução *sei lá* é formada pela integração do verbo cognitivo *saber* em primeira pessoa do singular do presente do indicativo e do locativo *lá*. Em (9), atua como modalizador, atenuando o tom opinativo do emissor, garantindo menor adesão ao fato apresentado; em (10), como marcador discursivo, ocasionando uma reorientação do foco do interlocutor para o emissor, mudando a declaração de *quando você está* para *quando eu estou*, trazendo para si o comprometimento da justificativa.

Para essa investigação, os autores utilizaram um *corpus* formado a partir de 116 ocorrências de *sei lá*, retiradas do banco de dados *Corpus Discurso & Gramática – a língua falada e escrita no Brasil*. A análise foi realizada com base em seis variáveis, as quais são capazes de “fornecer pistas para a detecção das tendências de uso da expressão pesquisada” (OLIVEIRA; SANTOS, 2011, p. 364), a saber: i) função (modalizador ou marcador discursivo); ii) posição sintática (inicial, medial ou final); iii) ocorrência de pausa (anterior, subsequente, intercalada ou, ainda, sem ocorrência); iv) tipo textual (narrativa de experiência pessoal, narrativa recontada, relato de procedimento, descrição de lugar, relato de opinião); v) sequência tipológica (injuntiva, descritiva, narrativa e expositiva); e vi) escolaridade (alfabetização, primeiro e segundo segmentos do Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior).

Oliveira e Santos (2011) observaram que, ao exercer a função de modalizador (11a), o *sei lá* atenua o nível de comprometimento do falante quanto ao que está sendo dito, podendo, inclusive, ser substituído pela microconstrução *não sei*, como indica a reescrita em (11b):

(11) a. porque o pessoal daqui... **sei lá**... eles são muito estranhos... fofoqueiros... então:: não é boa influência... aí... eu vou pra lá... o pessoal de lá é legal à beça... e:: lá... **sei lá**... é um lugar assim mais arejado... mais fresco... (OLIVEIRA; SANTOS, 2011, p. 364).

b. porque o pessoal daqui... **não sei**... eles são muito estranhos... fofoqueiros... então:: não é boa influência... aí... eu vou pra lá... o pessoal de lá é legal à beça... e:: lá... **não sei**... é um lugar assim mais arejado... mais fresco...

Quando funciona como marcador discursivo, ele pode indicar hesitação (12) ou término de enumeração (13):

(12) no Alecrim ... nas Quintas ... tá na divisa assim na ... no limite do Alecrim com as Quin/ no Alecrim com as Quintas ... tem lá ... é um ... **sei lá** periferia ... é gente bêbada assim sabe? (OLIVEIRA; SANTOS, 2011, p. 371).

(13) ...todo mundo:: tá todo mundo ligado nisso ... na copa ... nos:: nas novelas ... **sei lá** ... em todas as coisas eles se apegam ... se desprendem dos problemas... (OLIVEIRA; SANTOS, 2011, p. 371).

Como se pode notar, em (12), o *sei lá* demarca a hesitação do locutor em relação à descrição do espaço físico, concorrendo “para ratificar a marca da indefinição, inserida no complemento verbal” (OLIVEIRA; SANTOS, 2011, p. 373), e, em (13), ao aparecer após uma sequência enumerativa (*na copa... nos:: nas novelas*), *sei lá* funciona como uma expressão resumitiva de caráter vago, o que é complementado por *em todas as coisas*.

Das duas funções analisadas, modalizador e marcador, esta última foi a mais frequente, ocorrendo, em maior parte, no interior das cláusulas margeadas por pausa. Quanto aos fatores pragmático-discursivos, tipo textual e sequência tipológica, os resultados revelaram que a construção ocorre principalmente em relatos de opinião e em fragmentos expositivos, pois são contextos discursivos em que o emissor expõe seu ponto de vista, favorecendo, assim, estratégias de subjetivização. No que se refere ao fator escolaridade, os resultados apontaram que os jovens do Fundamental II são os que mais utilizam a construção em sua função discursiva, pois tendem a ser mais informais que os alunos do Ensino Médio ou Superior.

Para os autores, os usos da expressão *sei lá* indicam um caso de mudança linguística, e a função modalizadora, na trajetória de gramaticalização, antecede a função de marcador discursivo.

## 2.4 A pesquisa de Rosa (2012)

Rosa (2012), em sua dissertação intitulada “As expressões *espera aí* e *espera lá* na perspectiva da gramaticalização”, investigou os padrões instanciados por *espera aí* e *espera lá*, a partir de um *corpus* sincrônico formado por textos que compõem o acervo digital da revista *Veja*, das edições de 1968 a 2011, a fim de testar que essas expressões, resultantes do processo de gramaticalização, formam um todo sintático-semântico cujos significados não são composicionais e exercem funções discursivas, tais como a de modalizador (14) e de marcador discursivo (15):

(14) Surpreendeu-me a informação de que a popularidade do presidente continua intacta. **Espera aí!** É chamar o povo brasileiro de masoquista. As próprias cartas que vão para a revista mostram a indignação de seu eleitorado! (ROSA, 2012, p. 24).

(15) Em toda a preocupação instrumental dos Mutantes, evidentemente, não havia lugar para uma cantora. Muito menos para uma que, no máximo, contribuía para o suporte sonoro tocando um pandeiro furado. Para Rita, restava a pantomina: mostrar as perninhas, fazer careta, balançar as cadeiras. “Eu não aguentei”, desabafa. “Chegou uma hora em que eu disse: ‘Mas **peralá** senhor diretor, eu também tenho talento’.” (ROSA, 2012, p. 67).

Nesses exemplos, o verbo *esperar* e os locativos *aí* e *lá* encontram-se fortemente vinculados, funcionando como termos não-autônomos usados para refrear a fala, introduzindo novos argumentos que reforçam o ponto de vista de quem está falando. Em (14), por exemplo, o *espera aí* introduz as orações que justificam a surpresa expressa no primeiro período do fragmento. Em (15), o *peralá* funciona como um marcador de contra-argumento, o que é reforçado pelo *mas*, pela pouca valorização do talento da cantora Rita Lee na banda.

Para a coleta, Rosa (2012) relacionou, num primeiro momento, as expressões *espera aí* e *espera lá* com base nas possíveis diferenças morfológicas na escrita, chegando às seguintes combinações: a1) *espera aí*; a2) *pera aí*; a3) *perai*; a4) *espere aí*; b1) *espera lá*; b2) *peralá*. Em seguida, utilizando a ferramenta de *busca*

*avançada* do próprio site da revista, a autora inseriu as expressões acima obtendo 73 ocorrências, sendo 67 de *espera aí* e 06 de *espera lá*.

Posteriormente, os dados foram divididos em três grupos com base nas propriedades: i) lexicais: verbo com sentido de *aguardar algo/alguém em determinado lugar* + locativo com função adjuntiva, formando um *frame* espacial; ii) híbridos: verbo e locativo formam uma unidade com maior vínculo sintático, em que o verbo apresenta o sentido lexical de *aguardar*, no entanto, a referência é a “espaços” mais abstratos, como o próprio evento enunciativo; iii) gramaticais: verbo e locativo formam uma unidade que constitui um *frame* pragmático, seja de retificação, interjeição entre outros, com função de marcador discursivo.

Do total das 67 ocorrências de *espera aí*, 02 foram com função lexical, 08 correspondentes a funções híbridas e 57 com funções gramaticais, ilustradas, respectivamente, em (16), (17) e (18):

(16) Expedito – Oi

Luiz Antônio – Expedito?

Expedito – Oi

Luiz Antônio – Em dez minutos, eu tô chegando aí na frente do aeroporto. Me **espera aí** na frente, tá? (ROSA, 2012, p. 24).

(17) Rosimeire – Eu queria saber que lugares ele anda frequentando nos últimos dois dias.

Marcelo – **Espera aí**... Ele está nos Jardins, em São Paulo. Olha só, ele foi no Kabuki, um restaurante. Ah, também foi no América (lanchonete) da Alameda Santos, sabe onde é? Na Risotteria Alessandro Segato... Ah, e no Gero do Shopping Iguatemi. Pagou o almoço no Gero faz duas horas. Se bobear, ainda está no shopping. (ROSA, 2012, p. 34).

(18) Quando abro o Google e procuro o que procuro, no mundo inteiro ou aqui na esquina, fico besta com os robôs que sabem tudo, encontram tudo, traduzem tudo. Traduzem, ah! **Peraí**, já vivi muito disso. Não vão tirar de mim uma atividade da qual ainda posso precisar num amanhã qualquer, ou mesmo amanhã de manhã. (ROSA, 2012, p. 60).

Em (16), o verbo tem função plena com sentido de *aguardar por algo/alguém em algum lugar* e o locativo aponta para o lugar concreto em que o ouvinte se encontra. Nesse contexto, os itens preservam a independência sintática e semântica. O verbo expressa um pedido de aguardo ao interlocutor e o locativo *aí* funciona como um reforço na orientação espacial, formando com a estrutura *na frente* uma locução adverbial de lugar.

Em (17), o fragmento relata um telefonema grampeado e relatado pela Veja. Na cena, Rosimere deseja obter informações sobre lugares em que uma terceira pessoa, não mencionada no fragmento, tem andado. Dessa forma, a fim de responder à sua pergunta implícita, Marcelo recorre à expressão *espera aí* para indicar que Rosimere devia permanecer na linha telefônica para aguardar por mais informações. Nesse contexto, a construção apresenta função híbrida, com o sentido pleno de *aguardar*, mas não num lugar concreto, e, sim, na própria condução do ato discursivo. Ao usar o *espera aí* o falante indica a suspensão temporária do discurso.

Já, em (18), temos evidente uma função gramatical, em que as subpartes apresentam alta relação de dependência e a construção opera no nível pragmático-discursivo. Nesse caso, o *peraí* é um marcador interjetivo, pois apresenta valor de interjeição, exprimindo indignação<sup>11</sup>. Além dessa subfunção, Rosa (2012) registrou a construção funcionando como marcador de contra-argumentação (19), de encadeamento lógico (20), de redirecionamento de tópico (21), de retificação (22) e de turno (23):

(19) - (...) O que você achou das últimas eleições?

- Maldade o que fizeram com o PMDB! Brasileiro não tem jeito mesmo.
- Mas **espere aí**. Os brasileiros votaram maciçamente no PMDB. Ele venceu em todo o Brasil.
- Exato. Logo no Brasil. Se tivesse vencido em toda a Suécia. Em todo o Luxemburgo. Mas logo no Brasil? Maldade... (ROSA, 2012, p. 57).

Como marcador de contra-argumento, em (19), o *espere aí*, além de interromper a fala do interlocutor, introduz ideia contrária ao que é apresentado anteriormente, o que é reforçado pela presença da conjunção adversativa *mas*.

---

<sup>11</sup> Foram ainda encontradas ocorrências que exprimiam emoção surpresa, sensação, ordem, apelo, co-ocorrendo com outras interjeições ou com pontos exclamativos ou interrogativos.



(20) Você está belamente instalado no seu maravilhoso apartamento com vista para o mar, vidros fumê, esquadrias de alumínio, etcétera e tal, quando sente um vago cheiro de carne assada. Carne Assada! Há quanto tempo você não sente esse cheiro familiar de carne assada, doméstica e maternal. Doméstica e maternal num apartamento de tal luxo? **Pera aí**, a cozinha é muito distante. O cheiro é muito forte. Tem alguma coisa queimando aí. Tem alguém queimando aí. (ROSA, 2012, p. 59).

Em (20), como marcador de encadeamento lógico, a microconstrução introduz uma relação lógica a partir do fato apresentado que é tomado pelo enunciador como um pensamento ilógico, a fim de estabelecer constatações que tornem o pensamento possível: se a cozinha é distante, não tem como sentir o cheiro do alimento, a não ser que esteja queimando.

(21) Se pudesse voltar no tempo, o senhor denunciaria Palocci novamente?  
 - De jeito nenhum. Falar a verdade só me trouxe problemas. Eu queria dizer aos cidadãos de bem que, no Brasil, não vale a pena contar a verdade. Se alguém quer revelar o que sabe a respeito de um político, arrume antes um jeito de se mandar do país. Senão, é melhor cavar um buraco de sete palmos antes de falar. **Espera aí**, não vai ter interferência do Palocci nesta entrevista, vai? (ROSA, 2012, p. 60).

Em (21), como marcador de redirecionamento de tópico, notamos que o enunciador estava falando sobre o perigo de se dizer algumas verdades, mas redireciona o assunto para comentar sobre a influência de Palocci. Essa função ocorre quando a construção é usada para “interromper um enunciado e imprimir novo sentido ou orientação do discurso. Esses marcadores tendem a indicar um novo caminho para o enunciado que os precede, podendo introduzir informação nova, reorientação de raciocínio” (ROSA, 2012, p. 60).

(22) (...) Era uma pesquisa eleitoral. A moça começou dizendo: “Se as eleições fossem hoje...” Aí, eu interrompi. **Espera aí**. As eleições foram

ontem. Ou, pelo menos, em novembro passado.” “Não” disse ela, “esta pesquisa é para as próximas.” Eu; “Ah”. (ROSA, 2012, p. 61).

Como marcador de retificação, Rosa (2012) afirma que *espera aí* é usado quando o falante deseja corrigir algo que tenha sido enunciado, seja por ele ou pelo seu interlocutor, como em (22), em que ele corrige o tempo das eleições: em vez de hoje, corrige por ontem.

(23) Era um fórum reunido, segundo seus organizadores, para “pensar grande” sobre o Brasil e seus problemas. [...]. Depois de várias ideias descartadas [...] um executivo carioca disse:

- **Peraí...**

Todos se viraram para ele. [...] (ROSA, 2012, p. 63).

Em (23), temos o *perai* funcionando como um marcador de turno. Nesse caso, é usado para chamar a atenção do interlocutor, comunicando o início de sua fala, o que é reforçado por “*Todos se viraram para ele*”.

A respeito do *espera lá*, foram identificadas 06 ocorrências, sendo 01 na função lexical, (24), em que verbo e locativo atuam com suas funções plenas, e 05 com funções gramaticais, como ilustram (25) e (26):

(24) Chegou o Alkmin, acompanhado de várias pessoas. [...] No grupo estava o Victor Costa, que era dono de uma cadeia de rádios. Alkmin lhe disse: “Você entra no carro e me **espera lá**”. O Victor Costa entrou, ficou sentado ao meu lado. [...]. (ROSA, 2012, p. 64).

(25) – Vocês continuam preocupados com bombas nucleares?

– Claro, né, Arc. Por mais que se tente limitar, sempre tem alguém fabricando bomba em algum lugar do mundo.

– E fabricam bombas para matar gente como vocês, não é mesmo?

– **Espera lá**, marciano. Vocês, não! Eu não fabrico bomba. [...] (ROSA, 2012, p. 66-67).

(26) Décimo oitavo dia. Engordei 2 quilos. Devo estar com problema de tireoide, só pode ser. Tudo bem, eu comi no resort, mas, **espera lá**: você faz tudo certinho e, aí, dois dias que saia da dieta põem a perder tudo que conquistou em 15 dias. [...] (ROSA, 2012, p. 68).

Em (25), a microconstrução *espera lá* exerce a função de marcador de contra-argumentação, pois introduz um argumento contrário ao enunciado anterior. Na cena retratada, os participantes discorrem sobre a preocupação com as bombas nucleares. Um deles a justifica com o fato de que as bombas são fabricadas *para matar gente como vocês*. Ao discordar dessa afirmação, o outro participante utiliza a expressão para suspender o discurso do seu interlocutor, e, principalmente, para se posicionar contra o que foi dito, apresenta um contra-argumento, uma vez que ele não fabrica bomba. A presença do vocativo *marciano* reforça a adversidade ao que foi enunciado anteriormente.

Em (26), por sua vez, o *espera lá* foi usado como marcador interjetivo, pois apresenta valor de interjeição, em que exprime espanto e indignação. No exemplo, a falante deixa clara, ao usar a expressão *espera lá*, a sua surpresa por ter engordado 2kgs em dois dias que saiu da dieta no resort, o mesmo peso que ela demorou 15 dias para eliminar. Então, ela chega à conclusão de que só pode ser um problema de tireóide.

Da análise promovida, Rosa (2012) concluiu que as funções gramaticais exercidas por *espera aí* e *espera lá* são decorrentes do processo de gramaticalização pelo qual essas construções passaram. Enquanto marcadores discursivos, elas podem ser usadas para expressar contra-argumentos, retificar algo, exprimir sentimentos, fazer encadeamentos lógicos, mudar turnos, redirecionar o tópico discursivo. Enfim, são construções que estão a serviço da eficiência comunicativa.

## 2.5 A pesquisa de Teixeira (2015)

Teixeira (2015), em sua tese intitulada “A construção verbal marcadora discursiva VLoc<sub>MD</sub>: uma análise funcional centrada no uso”, descreveu a hierarquia construcional da Construção Verbal Marcadora Discursiva (VLoc<sub>MD</sub>) a partir da análise de combinações formadas pelos verbos *ir*, *vir*, *estar*, *esperar*, *escutar*, *olhar* e

ver e pelos locativos *aqui, aí, cá e lá*. A autora partiu da hipótese de que, em contextos específicos, as subpartes que compõem o predicado verbal analisado perdem traços lexicais das categorias originais e passam a exercer a função de marcador discursivo, como em (27):

- (27) [...] tinham que lhe guardar o jantar, porque ela não queria largar o diabo do livro! O pai dizia-lhe: - **Olha lá**, minha jóia! não vá isso fazer-te mal.. mas não se animava a contrariá-la. (TEIXEIRA, 2015, p. 217).

Como se pode notar nesse exemplo, o pai recorre a essa expressão para fazer uma advertência à filha, no sentido de chamar a sua atenção sobre deixar de jantar por conta do livro. Ou seja, verbo e locativo não estão exercendo suas funções lexicais, tendo em vista que eles formam uma unidade integrada.

Para o desenvolvimento da pesquisa, Teixeira (2015) utilizou um *corpus* sincrônico, constituído de textos orais, do século XIX, e textos escritos, do século XX, e um diacrônico, formado por textos escritos dos séculos XIII a XIX. Ao total, foram identificadas 11 combinações diferentes, as quais foram agrupadas, com base na semântica do verbo, em quatro subesquemas: verbo de movimento + locativo (marcador deslocador-opinativo); verbo relacional circunstancial + locativo (marcador localizador-opinativo); verbo processo + locativo (marcador suspensivo-opinativo); verbo perceptivo + locativo (marcador repreensivo-opinativo). Dadas as particularidades de cada *type*, 11 subtipos de injunções foram identificados, conforme demonstra o Quadro 1:

Quadro 1 – Relação entre os marcadores VLoc e os subtipos de injunção

Subesquema	Marcador	Subtipo da injunção
V <sub>mov</sub> Loc Marcador deslocador-opinativo	Vem cá	Indagação
	Vá lá	Concessão
	Vamos lá	Exortação
V <sub>reloc</sub> Loc Marcador localizador-opinativo	Está aí	Constatação
V <sub>proc</sub> Loc Marcador suspensivo-opinativo	Espera aí	Interrupção
	Espera lá	Temporização
V <sub>perc</sub> Loc Marcador repreensivo-opinativo	Vê lá	Prevenção
	Olha aí	Provocação
	Olha lá	Advertência
	Olha aqui	Asseveração
	Escuta aqui	Intimidação

Fonte: elaboração própria a partir de Teixeira (2015)

No nível formal, todas as microconstruções foram convencionalizadas na ordem verbo + locativo, sem possibilidade de inversão. De modo geral, a convencionalização ocorreu com a segunda pessoa do singular do imperativo afirmativo, com exceção de *vá lá*, que, além do imperativo afirmativo, também se convencionalizou com a terceira pessoa do singular, e de *vamos lá*, na primeira pessoa do plural do presente do indicativo. Quanto ao nível do sentido, todas as 11 combinações exercem a função de marcadores discursivos opinativos, pois, após eles, o que se registra é sempre uma opinião dada a respeito de algo específico, o que leva a escolhas verbais com sentidos diferentes.

O subesquema V<sub>mov</sub>Loc agrupa os *types* *vem cá* (28), *vá lá* (29) e *vamos lá* (30), os quais, em nível macro, exercem a função de *marcador discursivo deslocador-opinativo*, pois indicam um deslocamento da opinião ou de uma situação, podendo apontar ou para uma aproximação ou para um afastamento:

(28) Pingo pensou na única vez em que Raquel se ausentara de casa e ficara sozinho com os filhos; lembrou-se da desordem do quarto deles, [...] e entrou em pânico. - **Vem cá**, vamos negociar Raquel. Você quer que eu volte pra casa, é isso? - perguntou conciliador. [...] (TEIXEIRA, 2015, p. 225, grifo da autora).

(29) A explicação deste suspiro, inverossímil num homem que está rebentando de cólera, é um tanto delicada para se dizer em letra

redonda. *Mas vá lá*. Ernesto dava-se em casa do Sr. Vieira, tio de Rosina, que é o nome da namorada. (TEIXEIRA, 2015, p. 228, grifo da autora).

- (30) Acontece que no momento você não está gostando de ouvir as coisas que tenho de dizer. **Vamos lá**, Pedro, essas coisas acontecem a quase todo mundo. O sucesso vem e vai, pensa no Zé Mauro de Vasconcelos, por exemplo. (TEIXEIRA, 2015, p. 232).

Em (28), *vem cá* sinaliza uma estratégia de Pingo para persuadir Raquel a não ficar com os filhos, fazendo com que a atenção de Raquel se desloque para ele. A microconstrução, segundo a autora, foi denominada de *marcador contestativo-indagativo*, pois o falante a utiliza para indagar sobre se não é melhor ele retornar para casa para cuidar dos filhos, uma vez que, sob seu ponto de vista, quando Raquel ficou sozinha, as coisas não se saíram tão bem.

Em (29), *vá lá* atua como uma injunção de consentimento, típica de situações em que há discordância entre os interlocutores ou entre o falante e uma situação a qual ele se refere. No exemplo, a discordância é manifestada na situação, isto é, na dificuldade de explicar o suspiro de um homem que está rebentando de cólera. Essa situação é, inclusive, reforçada pela conjunção *mas*.

Diferentemente de *vá lá*, o *vamos lá* aparece em situações que indicam parceria, acompanhamento e interesse comum, o que configura um atrativo para se conseguir a adesão do interlocutor. Em (30), a expressão indica um estímulo, um incentivo a Pedro para mudar o seu ponto de vista e seu comportamento. Dessa forma, *vamos lá* funciona como um *marcador de exortação*, pois seu uso está atrelado a situações em que o falante diz o que o interlocutor deve saber ou fazer para conseguir algo, através de um conselho, pedido, convite ou desejo, indicando que ele não está sozinho.

No que se refere ao subesquema formado pelo verbo relacional circunstancial *estar* e o locativo *aí*,  $V_{relarci}Loc$ , a macrofunção é a de *marcador localizador-opinativo*, pois os marcadores localizam “argumentos ou fatos que compravam uma opinião expressa, ressaltando o propósito do falante” (TEIXEIRA, 2015, p. 219), como exemplificado em (31):

(31) [...] Trabalho para homem que me respeite. Não sou um traste qualquer. Conheço estes senhores de engenho da Ribeira como a palma da minha mão. **Está aí**, o Seu Álvaro do Aurora custa a pagar. É duro de roer, mas gosto daquele homem. [...] (TEIXEIRA, 2015, p. 243).

Aqui, a microconstrução *está aí* foi usada para localizar um fato, um julgamento que se tem a partir do exemplo de Seu Álvaro: senhores de engenho da Ribeira são pessoas difíceis para se trabalhar, como o Seu Álvaro, um mau pagante. Dessa forma, ela funciona como um *marcador de constatação*, pois enfatiza a relação entre o fato e uma constatação que pode ser um comentário, uma crítica, um julgamento, um argumento, uma opinião ou um questionamento.

O subesquema  $V_{proc}Loc$  engloba *espera aí* e *espera lá*, que, em nível macro, atua como *marcador suspensivo-opinativo*, cuja função é realizar uma suspensão de ideias, argumentos ou situações para indicar, logo em seguida, o que é relevante ou, ainda, sinalizar o modo como se deve atentar a algo. A escolha de um locativo ou de outro é determinada pelo contexto, pois o uso de um ou de outro implica no grau de intensidade dessa suspensão, como ilustram (32) e (33):

(32) eu só conheço na história (3s) um camarada - foi alimentado / era filho de uma prostituta - e que foi alimentado - na Itália - em Florença parece - por uma porca - foi aquele conquistador - do território dos - dos - dos incas - quem era? foi **pera aí** - era o: - o Pizarro? - Pizarro o Vicente Pizarro - Pizarro - Vicente Pizarro - não é? [...] (TEIXEIRA, 2015, p. 237).

(33) Quirino assustado olhou rapidamente para aquele lado; mas depois que reconheceu Jupira: - Está satisfeita? - bradou de longe mostrando a faca ensangüentada, e apontando para o fundo da canoa, onde jazia o cadáver de Carlito estrebuchando e vomitando sangue. - Bravo! bravo. muito bem! gritou a cabocla, com um sorriso de infernal ironia. - Agora venha! venha depressa receber o prêmio.. - **Espera lá**, minha Jupira; preciso dar sepultura a este desgraçado.. [...] (TEIXEIRA, 2015, p. 238).

Em (32), o *pera aí* foi utilizado com o intuito de o falante ganhar tempo para lembrar o nome da pessoa a quem ele se refere na história narrada, o Vicente Pizarro. Ao usar o *aí*, que faz referência ao interlocutor, sinalizando que o falante deseja continuar com a palavra, houve uma interrupção moderada do discurso, por isso a construção foi denominada de *marcador interruptivo-opinativo*. No caso, a suspensão é feita com o objetivo de reformular ou corrigir a informação apresentada anteriormente de tal forma que a opinião que segue ao *type* é relacionada ao falante.

Diferentemente, em (33), a suspensão é mais branda, pois o *lá* indica uma ideia de afastamento. Quirino, ao ser convidado por Jupira a pegar sua recompensa por ter matado Carlito, apresenta um contra-argumento introduzido pela suspensão temporária do discurso de Jupira, por meio do uso da construção *espera lá*. Teixeira (2015) destaca que os constituintes apresentam elevado grau de integração, pois, se fossem itens lexicais plenos, Quirino deveria usar *espera aí*, indicando que Jupira deveria aguardar onde ela estava.

Por fim, o último subesquema,  $V_{\text{percLoc}}$ , envolve as microconstruções formadas pelos verbos sensoriais (*escutar*, *ver* e *olhar*). Elas são classificadas, em relação à macrofunção, como *marcadores repreensivo-opinativos*, pois indicam uma repreensão à opinião ou à situação narrada, como em (34):

- (34) Você não consegue fazer sua mãe se interessar pelas coisas místicas? - Imagina! Ela tem horror! Não entende nada, acha que eu fiz um pacto com o demônio. Na semana anterior tinha jogado as flores e outras oferendas a Buda na lata de lixo. - **Escuta aqui**: eu não quero mais que você faça despachos na minha casa! Fica mexendo com essas coisas e depois não sabe porque é que a sua vida não vai pra frente! Fora inútil explicar quem era Buda (TEIXEIRA, 2015, p. 246).

O *escuta aqui* atua como *marcador repreensivo-impositivo*, pois sinaliza uma injunção de intimidação com elevado grau de impositividade. Ao usar a construção, a mãe repreende o comportamento de seu filho a fim de que seu desejo fosse atendido, pois ela não queria que despachos fossem feitos em sua casa. Na sua opinião, as oferendas do filho à Buda são despachos que acabam atrasando a vida.



Os usos de *vê lá*, *olhá lá*, *olha aqui* e *olha aí* indicam ações que vão além de simplesmente olhar uma situação ou algo, mas de atentar, avaliar, observar e perceber, a exemplo de *vê lá*, em (35)

(35) *O que preciso saber ao certo é se te podes encarregar, com segurança, de dar as providências necessárias para que ele seja preso. - Posso.. disse Meio, depois de uma nova pausa. - Mas, repara bem para o que prometes.. observou-lhe a embusteira com um olhar sério. Se não conseguires retê-lo, não poderemos fugir, e tu serás preso como ladrão!* **Vê lá!** E fez por sua vez uma pausa, para estudar na fisionomia do rapaz a impressão causada por suas palavras. - Gabriel, prosseguiu ela, conta partir amanhã, comigo pelo transporte da linha francesa. Eu me encarregarei das malas, e ele ganhará a rua logo depois do almoço (TEIXEIRA, 2015, p.258, grifos da autora).

Nesse exemplo, *vê lá* tem seu uso relacionado a situações em que o falante aparenta deter um maior conhecimento sobre o fato ou sobre a pessoa a que se refere. Em (35), por exemplo, a embusteira deseja que Meio se encarregue de, *com segurança, dar as providências necessárias para que ele seja preso*. Ela ainda alerta que, se ele não fizer como propõe, ele será *preso como ladrão* no lugar daquele que ele deveria prender. Segundo a autora, esse uso configura um *frame* de prevenção, e, por isso, ela o denomina de *marcador repreensivo-preventivo*, com elevado grau de intersubjetividade, já que coloca as expectativas do falante em evidência.

A repreensão realizada pelas microconstruções formadas pelo verbo *olhar* ora pode ser mais ríspida, ora mais branda, a depender do tipo de locativo que forma unidade com o verbo. Vejamos, primeiro, um exemplo com *olha aí*:

(36) [...] Oran, Gil, o Gordo, Zeca e outros escutavam a rádio Tirana. *"..Bravos guerrilheiros do Araguaia, [...] O assassinato covarde do herói Osvaldo Oliveira Couto enche de indignação o povo brasileiro. [...] O povo oprimido do Araguaia.. "* - **Olha aí.** Quarenta e oito horas depois do chafurdo, Osvaldão já é herói na Albânia - disse Gil. – E o Clementino não consegue descobrir nada com essa parafernália eletrônica dele. Não dá para continuar assim, porra (TEIXEIRA, 2015, p. 248-249).

Em (36), temos um marcador classificado como *repreensivo-provocativo*, pois “assinala repreensão jocosa/provocativa/reflexiva a algo que está próximo/óbvio ao interlocutor ou a algo relacionado à situação a qual se refere” (TEIXEIRA, 2015, p.250). Na situação retratada, Gil, após ouvir a notícia sobre o assassinato e o sucesso *do herói Osvaldo Oliveira Couto* na rádio Tirana, utiliza a expressão *olha aí* como estratégia para provocar as pessoas a sua volta para o insucesso de Clementino que *não consegue descobrir nada com essa parafernália eletrônica dele*, mostrando, inclusive, a sua raiva para tal fato, o que é reforçado com *Não dá para continuar assim, porra*. Esse uso do *olha* corrobora a afirmação de que a ação não se restringe apenas a ver algo, mas, sim, perceber a insustentável situação e, ao lado do *aí*, direciona, ao interlocutor, o local exato onde a atenção deve ser colocada de forma exata e provocativa.

Agora, vejamos um exemplo com o *olha aqui*:

(37) Rui tinha dito que não se preocupasse à toa, pois sempre havia o recurso do refresco e chazinhos de mandacarus, dos ensopadinhos de carrapicho.. - E se acabar o carrapicho? - Urubus! - E se A Danada levar os urubus? - Cobras! Com as cobras prepararia o Elixir dos Bárbaros. - E se acabar as cobras? - **Olha aqui**, Amigo, escuta bem. - Cobra não acabaria, o elixir não acabaria, carrapicho não acabaria, mandacaru não acabaria, urubu não acabaria, ratazanas não acabariam [...] - Por que você tem tanta certeza? - Porque se tudo isso acabasse, o Sertão se acabaria! E acabando-se o Sertão, se acabariam as suas histórias (TEIXEIRA, 2015, p. 250, grifo da autora).

Para esse exemplo (37), a microconstrução *olha aqui* foi classificada como um *marcador repreensivo-asseverativo*, pois direciona e assevera a argumentação para o interlocutor em decorrência do domínio do conhecimento sobre o fato ou a situação narrada. Em (37), a cena retratada é um diálogo em que Rui mostra que não há necessidade de se preocupar, pois ele sabia como solucionar o problema da fome no sertão. No entanto, ao ser questionado sempre que apresentava uma solução, Rui assevera o seu conhecimento com autoridade ao usar *Olha aqui, Amigo, escuta bem*. Segundo Teixeira (2015, p. 251), o “vocativo ‘amigo’ e a pausa marcada por vírgulas ressaltam a ênfase de *olha aqui*, já o convite de Rui ‘escuta

bem', depois do marcador e antes da enumeração que ele faz, corrobora a direção para a qual a atenção deve se deter": o fato de o Sertão poder se acabar.

Por fim, vejamos um exemplo com *olha lá*:

(38) Daqui a nada está aí gente para jantar em minha companhia! - *Mas.. - Se não quiseres vir, desisto já de tudo que combinamos, e eu procederei como entender!* - *Bom! Bom! Virei à meia-noite; mas tu estarás só.. - Juro-te! Nem mesmo pelos criados serás visto.. - Pois até logo. - Vens, então.. - Acabo de dizer que sim. - E se não vieres.. - Farás o que entenderes.. - **Olha lá..** - *Estamos combinados, filha! Pois conto contigo.. Se encontrares a porta fechada toca o tímpano três vezes seguidas. - Sim, adeus. - Adeus, meu bom amigo. [...]* (TEIXEIRA, 2015, p.252, grifos da autora).*

Em (38), *olha lá*, denominado de *marcador repreensivo-advertido*, foi usado como advertência, para assegurar que o interlocutor execute o que é desejado. No diálogo retratado, o *frame* é de incerteza e inquietação por parte de Ambrosina com relação à atitude de Gaspar. Na cena, eles combinam um encontro à meia noite e, em decorrência da hesitação de Gaspar, *Mas...*, Ambrosina fica insegura e adverte: *Se não quiseres vir, desisto já de tudo que combinamos, e eu procederei como entender*. Ainda sem ser convencida de que ele iria, ela reafirma a advertência com o uso do *olha lá*, *- E se não vieres.. - Farás o que entenderes.. - **Olha lá..** - Estamos combinados, filha! Pois conto contigo*. Ao usar o *lá*, a falante direciona o comprometimento da ação ao seu interlocutor.

Do que foi apresentado, vimos a diversidade de funções e propriedades apresentadas pela Construção Verbal Marcadora Discursiva (VLoc<sub>MD</sub>). Segundo a autora, trata-se de um padrão construcional da categoria de marcadores discursivos da língua portuguesa. São elementos linguísticos que funcionam como coadjuvantes nos contextos interacionais, orientando "o processamento do discurso, evidenciando, ao mesmo tempo, a presença do falante e a maneira pela qual o interlocutor deve compreender a informação transmitida" (TEIXEIRA, 2015, p. 14).

## 2.6 Encerrando o capítulo

Com a descrição apresentada neste capítulo, percebemos a diversidade de padrões formados por verbos e locativos. Os usos indicam que esses dois itens deixam de exercer propriedades lexicais e passam a constituir uma unidade de forma e sentido, cujos significados não são composicionais, desempenhando, assim, funções de nível pragmático-discursivo: modalizador e marcador discursivo.

A fim de sintetizar os pontos mais importantes das descrições, apresentamos o Quadro 2:

Quadro 2 – Síntese das pesquisas

Fatores	Descrição
<b>Objetos investigados</b>	Cada uma das pesquisas investigou microconstruções específicas: Teixeira (2010) tratou das expressões <i>vá lá</i> e <i>vamos lá</i> ; Oliveira e Santos (2011) descreveram os padrões de <i>sei lá</i> ; Rosa (2012) estudou <i>espera aí</i> e <i>espera lá</i> ; Teixeira (2015) contemplou 11 combinações formadas pelos verbos <i>ir</i> , <i>vir</i> , <i>estar</i> , <i>esperar</i> , <i>escutar</i> , <i>olhar</i> e <i>ver</i> e pelos locativos <i>aqui</i> , <i>aí</i> , <i>cá</i> e <i>lá</i> .
<b>Função modalizadora</b>	A função modalizadora foi registrada nas pesquisas de Oliveira e Silva (2011) e Rosa (2012).
<b>Função marcadora discursiva</b>	Em Teixeira (2010), foram encontrados quatro tipos de marcadores discursivos, a saber: marcador de injunção, de consentimento, de mudança de tópico e de especificação. Em Oliveira e Silva (2011), enquanto marcador, <i>sei lá</i> funcionou ora como indicador de hesitação, ora como de término de enumeração. Em Rosa (2012), foram encontrados seis tipos: interjetivo, de contra argumentação, de encadeamento lógico, de redirecionamento de tópico, de retificação e de mudança de turno. Por sua vez, em Teixeira (2015), foram registrados quatro tipos de marcadores: localizador-opinativo, que estabelece uma constatação; suspensivo-opinativo, que indica uma interrupção ou uma temporização; repreensivo-opinativo, podendo denotar prevenção, provocação, advertência, asseveração ou, ainda, intimidação; deslocador-opinativo, indicando indagação, concessão ou exortação.

Fonte: elaboração própria

Em termos teóricos, essas funções indicam que as microconstruções formadas por verbo e locativo apresentam *status* construcional, sendo, portanto,

uma unidade menos composicional, mais esquemática e mais produtiva. É menos composicional porque os significados das subpartes das construções não são totalmente recuperados no significado do todo, apresentando perdas de propriedades gramaticais das categorias fontes; é mais esquemática porque possibilita que verbos de natureza semântica diferentes sejam recrutados para o preenchimento do primeiro *slot*; é mais produtiva porque apresenta alta frequência em decorrência da extensão de uso.

## CAPÍTULO 3: USOS EFETIVOS DE PADRÕES VERBO + LOCATIVO (VLOC):

uma análise centrada no uso

### 3.1 Introdução

Neste capítulo, apresentamos os resultados de nossa pesquisa, cujo objetivo geral foi investigar os padrões formais e funcionais da construção VLoc no português brasileiro contemporâneo. Assim, na seção 3.2 “Caracterizando o *corpus*”, explicamos como ele foi constituído e expomos a justificativa para a sua escolha. Na seção 3.3 “Procedimentos metodológicos: coleta de dados e critérios de análise”, relacionamos os passos seguidos para a coleta das ocorrências e os fatores considerados, bem como os critérios utilizados para as análises dos dados. Na seção 3.4 “Deslizamentos formais e funcionais de VLoc: a análise qualitativa”, desenvolvemos a análise dos padrões de uso das funções procedurais, isto é, daquelas que atuam no nível pragmático-discursivo. Em 3.5 “Deslizamentos formais e funcionais de VLoc: a análise quantitativa”, apresentamos as frequências de uso das microconstruções analisadas. Por fim, em 3.6 “A hierarquia construcional de [VLoc] procedural”, demonstramos a rede taxonômica da construção que exerce as funções de modalizador e marcador discursivo.

### 3.2 Caracterizando o *corpus*

Para a constituição do *corpus*, escolhemos 40 entrevistas publicadas no site *Stella Bortoni*, as quais fazem parte do Banco de Dados do Projeto *A Brasília que não lê*<sup>12</sup>. Trata-se de um projeto desenvolvido e coordenado pela professora Dra. Stella Maris Bortoni-Ricardo<sup>13</sup>, cujo objetivo foi identificar quem são os cidadãos brasileiros residentes em Brasília que compõem os grupos de analfabetos absolutos ou analfabetos funcionais.

Tendo em vista que um dos padrões VLoc que estamos analisando evidenciam fenômeno de mudança linguística, justificamos a escolha do *corpus*

---

<sup>12</sup>Todas as entrevistas estão disponíveis no seguinte endereço: <http://www.stellabortoni.com.br/index.php/projetos/a-brasilia-que-nao-le/category/20-banco-de-dados>

<sup>13</sup>Bortoni-Ricardo é docente titular da Universidade de Brasília, doutora em Linguística e tem experiência na área de Sociolinguística, com ênfase em Educação e Linguística. (Texto informado no Lattes da professora).

considerando: i) a modalidade da língua, ii) o gênero discursivo e iii) o nível de escolaridade dos informantes. Optamos por um *corpus* de língua falada porque o texto falado nunca está pronto; ele é planejado e replanejado no momento da interação discursiva, favorecendo, assim, a ocorrência de construções que indicam hesitações, reformulações, correções e processos (inter)subjetivos, a exemplo de modalizadores e marcadores discursivos, principalmente nos gêneros discursivos<sup>14</sup> de maior grau de interação, como a entrevista, que promove, através do diálogo, a construção das relações interpessoais.

No que diz respeito ao fator escolaridade, temos o conhecimento, por meio de pesquisas sociolinguísticas, de que esse fator está correlacionado diretamente ao uso da variante que assume maior prestígio na sociedade. Assim, de modo geral, indivíduos menos escolarizados tendem a empregar regras e estruturas que fogem ao padrão que a escola apresenta por meio do ensino normativo. Por esse motivo, optamos por um *corpus* composto de entrevistas fornecidas por informantes analfabetos absolutos ou analfabetos funcionais, cuja língua falada não corresponde aos padrões da chamada variante de prestígio, com a expectativa de confirmar que esses falantes usam construções que não são convencionalizadas nas descrições normativas.

### **3.3 Procedimentos metodológicos:** coleta de dados e critérios de análise

Metodologicamente, a nossa investigação se desenvolveu a partir de quatro etapas: i) coleta de dados, ii) descrição e análise qualitativa iii) sistematização quantitativa das frequências *token* das microconstruções, iv) e demonstração da hierarquia construcional da construção VLoc procedural.

Partimos da hipótese de que um dos padrões apresentados pela construção VLoc tem como característica básica a forte integração de suas subpartes, em que verbo e advérbio locativo conjuntamente passam a exprimir um novo significado não composicional e a exercer funções como modalizador e marcador discursivo. Em relação a essas funções, esperamos identificar maior frequência *type* de marcadores discursivos, uma vez que são elementos que cumprem funções mais discursivas.

---

<sup>14</sup>Assumimos que as escolhas lexicais feitas pelos falantes estão associadas aos tipos de gêneros discursivos que, conforme Bakhtin (2003, p. 262, grifos do autor), são “*tipos relativamente estáveis de enunciados*” determinados sócio historicamente.

Quanto à coleta de dados, ela foi feita assim: baixamos do Banco de Dados do Projeto *A Brasília que não lê* as 40 entrevistas selecionadas, onde identificamos um total de 311 ocorrências de estruturas VLoc, com verbos que formavam unidade com os seguintes advérbios: *lá, aqui, daqui, ali, dali e aí*. Feito esse primeiro levantamento, separamos, a partir da primeira análise qualitativa, as microconstruções em dois grupos: (i) arranjos lexicais: verbo com função plena e locativo com função espacial; (ii) arranjos procedurais: o advérbio não possui função espacial e representa, com o verbo, um pareamento de forma e sentido, no qual as propriedades de forma e/ou de sentido se diferem, em algum aspecto, das apresentadas por itens lexicais.

Com as ocorrências separadas, voltamos à atenção para os dados procedurais, subdivididos em subesquemas<sup>15</sup> determinados pela semântica do verbo, totalizando cinco tipos diferentes: (i) verbo cognitivo + locativo (V<sub>COGLOC</sub>); (ii) verbo suspensivo + locativo (V<sub>SUSPLOC</sub>); (iii) verbo perceptivo + locativo (V<sub>PERCLOC</sub>); (iv) verbo estático + locativo (V<sub>ESTLOC</sub>); (v) verbo deslocamento + locativo (V<sub>DESLLOC</sub>).

Esses subesquemas foram analisados a partir das propriedades da forma e do sentido, conforme o modelo proposto por Croft (2001) representado na Figura 1, ilustrado na página 22 desta dissertação. Nesse modelo, a forma diz respeito aos aspectos estruturais e o sentido, aos aspectos funcionais de uso.

Para subsidiar nossa análise, adotamos, com base em Teixeira (2015), um conjunto de propriedades de forma e de sentido, relacionadas no Quadro 3 que se segue:

Quadro 3 – Parâmetros de análise da construção VLoc

PROPRIEDADES		FATORES DE ANÁLISE
F O R M A	Fonológica	1) redução de material fônico: em alguns contextos, há perda de material fonológico; 2) possibilidade de formar grupo de força, com a indicação de traços prosódicos (entonação e ritmo) particulares.
	Morfológica	1) cristalização da estrutura, envolvendo a pessoa gramatical e a configuração modo-temporal; 2) possibilidade da variação do locativo: em alguns contextos, o mesmo verbo é usado com diferentes locativos; 3) contrações: perda de material morfológico em decorrência da

<sup>15</sup> Com base em Traugott e Trousdale (2013), adotamos, em nossa análise, as nomenclaturas *esquema*, *subesquema* e *microconstrução* para explicar os níveis esquemáticos da construção investigada.



		redução fonética.
	Sintática	<ol style="list-style-type: none"> <li>1) convencionalização da forma VLoc;</li> <li>2) perda de propriedades sintáticas do verbo e do locativo: verbo perde propriedades e não seleciona um argumento; locativo apresenta função clítica;</li> <li>3) fixação da posição VLoc, sem possibilidade de inserção de item no interior da construção;</li> <li>4) encadeamento dos elementos, formando um (<i>chunk</i>): verbo e locativo se apresentam de forma integrada, formando uma construção específica;</li> <li>5) marcação (ou não) de pausa por sinal de pontuação: em alguns contextos, a construção VLoc aparece isolada da estrutura sintática, podendo ou não ser removida do contexto;</li> <li>6) impossibilidade de negação;</li> <li>7) presença (ou não) de expressões de reforço.</li> </ol>
SENTIDO	Semântica	<ol style="list-style-type: none"> <li>1) perda de sentido original: abstratização do sentido;</li> <li>2) processos de (inter)subjetivação: sentido altamente intersubjetivo, codificando as perspectivas do falante de modo que elas se encontram voltadas ao destinatário;</li> <li>3) diminuição da composicionalidade: nível de integração máxima do locativo com as formas verbais de modo que o sentido veiculado é único e não ligado ao <i>frame</i> espacial físico-concreto.</li> </ol>
	Pragmática	<ol style="list-style-type: none"> <li>1) estratégias para tornar a comunicação eficiente;</li> <li>2) expansão <i>host-class</i>: renovação de categorias já existentes (modalizadores e marcadores discursivos);</li> <li>3) expansão semântico-pragmática: a mudança na função ocorre vinculada aos contextos específicos em que o falante se coloca em posição igual ou superior ao interlocutor, atuando diretamente sobre seu comportamento.</li> </ol>
	Discursivo-funcional	<ol style="list-style-type: none"> <li>1) comportamento: lexical (verbos pleno e locativo com função dêitico-espacial) ou procedural (modalizador ou marcador discursivo);</li> <li>2) no caso das funções procedurais, as construções atuam na marcação do discurso, como uma unidade linguística, apresentando função relevante na produção dos atos pragmáticos-discursivos.</li> </ol>

Fonte: Adaptação de Teixeira (2015, p. 135)

Identificados e analisados os subesquemas, realizamos uma análise quantitativa com o objetivo de verificar as frequências de uso de cada um deles. Em nossa descrição, apresentamos, primeiro, a análise qualitativa e, depois, a quantitativa.

### 3.4 Deslizamentos formais e funcionais de VLoc: a análise qualitativa

A nossa amostra foi constituída, primeiro, de microconstruções VLoc em sua função lexical e procedural. No primeiro grupo, encontraram-se ocorrências como ilustram (1) e (2):

- (1) (74) Arthur Ferreira - E todos são brasilienses?  
 (75) Sr<sup>a</sup> L. - NÃO!  
 (76) Arthur Ferreira - Não?  
 (77) Sr<sup>a</sup> L. - Só tem o pequeno, que é, que **nasceu aqui**. (SRA. L. **A Brasília que não lê**. 18 abr. 2009).
- (2) (137) Arthur Ferreira - Lá na cidade da senhora tinha alguém que escrevia, assim pra vocês?  
 [...]  
 (142) Sr<sup>a</sup> R. - TINHA!  
 (143) Arthur Ferreira - Tinha né?  
 (144) Sr<sup>a</sup> R. - **Tinha ali** as um subrindi a meu ma meu marido, mo morava pertu, quanu eu quiria uma coisa'ssim, eu pediu pra um coincido, tinha muntu coincido, lá tinha uma viúva que morava que fico viúva pôcu tempu, morava juntu cum'a era muito amiga da genti, cuanu a genti quiria uma coisa melhor, ia falar cum ela, ai ela fazia pra nois, uma carta, uma cosa. (SRA. R. **A Brasília que não lê**. 29 mar. 2009).

Tanto em (1) como em (2), os verbos e os locativos destacados estão exercendo as suas funções lexicais. Em (1), temos o verbo *nascer*, tradicionalmente classificado como verbo intransitivo, acompanhado do adjunto adverbial *aqui*, cujo referente é a cidade de Brasília. Em (2), encontramos o verbo *ter*, que seleciona como complemento um objeto direto (*as um subrindi a meu ma meu marido*), posposto ao locativo *ali*, usado para se referir à cidade natal.

Em ambos os exemplos, verbo e locativo não formam uma unidade adjacente, isto é, não formam uma composição de alto nível de integração, já que eles podem ser invertidos sintaticamente (*aqui nasceu; ali tinha*), podem ser negados (*não*

*nasceu aqui, não tinha ali*) e podem ter, entre eles, outros itens sintáticos (*nasceu no ano passado aqui; tinha naquele tempo ali*), propriedades essas que atestam o caráter lexical dos dois elementos envolvidos, verbo e locativo.

No segundo grupo, cujas funções são procedurais, estão as microconstruções convencionalizadas na ordenação fixa VLoc, uma vez que se trata de um arranjo sistematizado que não apresenta as mesmas propriedades referentes às classes de verbos e de advérbios; verbo e locativo formam um pareamento de forma e sentido, estando os dois itens fortemente integrados, veiculando um único sentido e atuando no nível pragmático discursivo. Nesse caso, duas macrofunções foram registradas: ora VLoc atua como modalizador, ora como marcador discursivo, ambos em prol da eficiência comunicativa.

Enquanto modalizador, as combinações são utilizadas como uma estratégia linguística visando convidar os interlocutores para o compartilhamento do ponto de vista do emissor em relação ao comentário proferido. Nessa macrofunção, foram registrados *tokens* apenas do subesquema V<sub>COG</sub>Loc, formado exclusivamente pelo verbo de natureza cognitiva *saber* e pelo locativo *lá*, como ilustram os exemplos em (3) e (4):

(3) (29) Arthur Ferreira - Não tinha nenhuma escola?

(30) Sr<sup>a</sup> I. - Eu vim coim'ecer uma escola, cum 13 anos, [...] tarra trabalhandu fora, trabalhava de custurera trabalhava du' qui aparecessi. Então a criança quandu é nova ela tem quando tem 12 anu, 13 anus ach que ela tem mais cabeça prá istudá do que uma pessoa que tá com 26 anos, 27 anos, **sei lá**, aí nois num interessou muito ainda aprendi, ainda cheguei até o 3<sup>o</sup>, ano, como é que fala é, agora é 3<sup>o</sup> o quê fun...? (SRA. I. **A Brasília que não lê**. 29 mar. 2009).

(4) (14) Arthur Ferreira - A senhora é de qual cidade?

(15) Sr<sup>a</sup> R. - Eu sô da cidade di... di Ita... da TERRA DU CACAU! [risos ao fundo.]

(16) Arthur Ferreira - Qual é a terra do Cacau?

(17) Sr<sup>a</sup> R. - ItaBUNAS!

(18) Arthur Ferreira - Itabunas fica onde?

(19) Sr<sup>a</sup> R. - Eu **sei lá** meu fi! Ai filhu eu num sei. (SRA. R. **A Brasília que não lê**. 29 mar. 2009).

Nas duas situações retratadas, os falantes recorrem à microconstrução *sei lá* para expressar a incerteza quanto ao que é enunciado. Do ponto de vista morfológico, tanto a forma verbal *sei* quanto o locativo *lá* perdem traços de sua natureza lexical. Do ponto de vista sintático, os elementos que compõem o *type* formam uma unidade sintática, sem possibilidade, por exemplo, de inserção de item no interior da construção (*\*sei agora lá*), de negação (*\*não sei lá*), de inversão sintática (*\*lá sei*), tudo isso em função da perda de propriedades sintáticas tanto do verbo quanto do locativo. No que diz respeito ao nível semântico, os itens perdem seu sentido original, isto é, ocorre uma abstratização do sentido, principalmente do locativo *lá* que não indica mais um determinado espaço físico, mas que contribui para o sentido vago/distante/impreciso e até mesmo negativo da microconstrução.

Em (3), a entrevistada recorre à expressão *sei lá* para marcar a sua incerteza, sinalizando, ao narrar sobre a sua experiência com a escola, que não tem certeza sobre a idade exata em que uma pessoa perde a capacidade de focar na escola. Em (4), o assunto principal é a cidade natal da entrevistada. Ao ser questionada sobre o nome, a falante já demonstra dificuldade de recordá-lo, *Eu sô da cidade di... di Ita... da TERRA DU CACAU*), o que se torna uma tarefa mais difícil lembrar onde Itabuna fica. Então, a falante utiliza a combinação para, subjetivamente, marcar a sua falta de certeza e de compromisso em relação à informação, o que é reforçado com *Ai filhu eu num sei*.

Tanto em (3) como em (4), o *type*, metonimicamente usado no lugar de *não sei*, é fortemente subjetivo e funciona como um recurso pragmático. Esse uso reflete o que se chama de modalidade orientada para o falante, pois a microconstrução tem o papel de exprimir o ponto de vista do enunciador sobre o fato apresentado, que, de acordo com Neves (2000, p. 247), seria de natureza *asseverativa relativa*, pois o “conteúdo do que se diz é apresentado como uma eventualidade, como algo que o falante crê ser possível, ou impossível, provável, ou improvável”. Assumimos que os *tokens* de *sei lá*, em nível macro, são modalizadores, e, em nível micro, *asseverativos relativos*.

Na macrofunção de marcador discursivo, encontramos VLoc funcionando como estratégia orientadora do discurso, “evidenciando, ao mesmo tempo, a

presença do falante e a maneira pelo qual o interlocutor deve compreender a informação transmitida” (TEIXEIRA, 2015, p. 46-47). Assim como os modalizadores, os marcadores discursivos sofrem um processo de abstratização em função das composições que assumem. Na investigação, foram encontrados dez *types* formados pelos verbos *saber*, *esperar*, *ver*, *estar*, *ser*, *aguentar* e a locução formada pelos verbos *ir* e *chegar*, combinados com os locativos *aí* e *lá*, resultando, assim, em cinco subesquemas.

O primeiro deles (denominado de  $V_{COGLOC}$ ) é formado por um verbo de natureza cognitiva, em nossa amostra exclusivamente o verbo *saber*, e pelo locativo *lá*, como ilustra o exemplo (5):

- (5) (70) Sr<sup>a</sup> V. P. - Tudo quê é canto tem escola, cê sabe que tem! Tudo que é fazenda tem escola. O povo já tá mais até ficano mais caprichosos, né.  
 (71) Arthur Ferreira - Ah, é?  
 (72) Sr<sup>a</sup> V. P. – Fazê as coisa mais... **Sei lá!**  
 (73) Arthur Ferreira - Mais no seu tempo não tinha escola? (SRA. V.P. **A Brasília que não lê**. 29 mai. 2009).

Assim como em (3) e (4), em (5), *sei lá* corresponde a um pareamento de forma e sentido, pois: no eixo formal, há: (i) perda de referência temporal do locativo; (ii) margeamento por pausa, indicada pelas reticências (iii) impossibilidade de negação e de inserção de itens no interior da microconstrução (\*sei não lá; \*sei agora lá). No eixo do sentido, em (5), evidenciamos: (i) integração do locativo à forma verbal cognitiva *sei*; (ii) pragmaticamente, a microconstrução apresenta sentido impreciso ou, até mesmo, negativo; (iii) discursivamente, funciona como marcador discursivo de hesitação, pois a inferência sugerida revela a hesitação da falante em continuar a descrever o que se tem feito nas escolas, isto é, havia a intenção de seguir com a descrição de *fazê as coisas mais...*, mas a falante se hesita, não concretizando a expectativa, e encerra o assunto com o uso do *sei lá*. Como se trata de uma hesitação, classificamos a combinação como sendo um *marcador discursivo de hesitação de opinião*.

O segundo subesquema (denominado de  $V_{SUSPLOC}$ ) é formado pela combinação de verbos que indicam suspensão de ação, *esperar* e *aguentar*, com os locativos *aí* e *lá*. Seus usos estão associados aos contextos em que o falante

percebe a necessidade de interromper/refrear o processamento da informação, como se pode notar em (6), (7) e (8):

(6) (62) Arthur Ferreira - E em setenta e cinco você trabalhou de pedreiro, você trabalhou em alguma obra conhecida aqui em Brasília?

(63) Sr. J.R. - Trabaiei muntu, ni Conjuto Nacional, in varus lugar, na Americana, varus orgu, Bancu du Brasil, foi no Bancu du Brasil foi rrá depois de setenta i seis, Bancu du Brasil, trabaiei muntu tempu, foi uns, trabaiei du mais o menus us patru cincú anos, (XXX) uns cincú, **pêra ai**, [E] no Conjuntu Nacional tambeim foi muntu tempu. (SR. J.R. **A Brasília que não lê**. 06 abr. 2009).

Em (6), o tópico da conversa é o local onde o entrevistado trabalhou como pedreiro durante o ano de 1975. Diante da variedade de locais em que prestou serviço (*Conjuto Nacional, na Americana, varus orgu, Bancu du Brasil*), o falante se atrapalha quanto ao tempo que passou em cada obra, recorrendo à microconstrução *pêra ai*, usada como estratégia para refrear o pensamento, ou seja, o Sr. J.R. quis refrear o próprio pensamento a fim de reformular seus cálculos sobre o período de tempo em que trabalhou nas obras conhecidas em Brasília.

Quanto às propriedades que caracterizam esse subesquema, notamos: o verbo *esperar* é reduzido morfológicamente; verbo e locativo formam uma unidade sintática, sem possibilidade de inserção de item no interior da microconstrução (\**pêra agora aí*), de negação (\**não pêra aí*), de inversão sintática (\**aí pêra*); verbo e locativo perdem seu sentido original, isto é, ocorre uma abstratização do sentido. Do ponto de vista pragmático-discursivo, *pêra ai* funciona, portanto, como um marcador discursivo, usado pelo falante para refrear seu pensamento, por isso, foi classificado como sendo um *marcador discursivo refreador*.

(7) (154) Arthur Ferreira - Mas a senhora veio pra Brasília em que ano? A senhora lembra?

(155) Sr<sup>a</sup> V. P. - Ah, eu num me lembro mar não!

(156) ) Arthur Ferreira - Num vem não né?...((Falo da data!))

(157) Sr<sup>a</sup> V. P. - Quê, que é isso? **Peraí** xá vê se eu ainda lembro. (SRA. V. P. **A Brasília que não lê**. 09 mai. 2009).

No caso de (7), *peráí* apresenta, no contexto formal: (i) perda de referência temporal do locativo; (ii) impossibilidade de negação e de inserção de itens no interior da construção; (iii) redução morfológica do verbo; (iv) alteração morfológica que compreende a perda de flexão modo-temporal e número-pessoa do verbo. No contexto funcional, apresenta: (i) abstratização do sentido, pois o locativo não indica mais um espaço físico; (ii) processo de intersubjetivização, haja vista que seu uso indica uma preocupação do falante em recuperar, em sua memória, a data em que se mudou para Brasília, a fim de responder ao entrevistador; (iii) fraca composicionalidade, isto é, a união do verbo com o locativo sinaliza forte integração entre eles, o que indica a perda da fronteira entre as subpartes que compõem a construção. Do ponto de vista discursivo, assim como em (6), em (7) o *peráí* funciona como um *marcador discursivo refreador*. Diante da insistência do entrevistador em saber o ano em que a entrevistada se mudou para Brasília, a falante utiliza a microconstrução como uma estratégia para conter/refrear a fala do interlocutor, a fim de ganhar tempo, o que é reforçado pela expressão *xá vê se eu ainda lembro*, que auxilia na formação do contexto construcional no qual *peráí* se encontra.

(8) (136) Arthur Ferreira - Ah, então a siora mudou pra cá entre 95 ou 96!

(137) Sr<sup>a</sup> E S - Por a, não! Foi! Não! **Pêra lá... Guenta aí** qui eu vô lhis plicar. Eu entrei aqui, eu vim pra cá pru “P” norti, foi, foi im oi noven cincú, comu é não im oitentín cincú, não! Num foi in oitentín cincú não! Ni+ Foi na foi não! im noventi seti eu entrei aqui, eu tava entranu, eu foi qui eu fichei nessa firma. In noventa e seti. (SRA. E. S. **A Brasília que não lê**. 04 abr. 2009).

Em (8), temos as microconstruções *pêra lá* e *guenta aí* utilizadas, discursivamente, como *marcadores discursivos refreadores*, com o mesmo intuito: provocar a adesão do interlocutor a fim de chamar sua atenção, temporizando a opinião e ganhando tempo para corrigir a informação apresentada. No trecho, fica claro que o entrevistador, ao apresentar a data em que a entrevistada se mudou para Brasília, se equivoca. No primeiro momento, parece que a Sr<sup>a</sup> E S iria concordar (*Por a*), mas percebeu a tempo o equívoco (*não! Foi! Não!*), então,

utilizando as duas microconstruções (*Pêra lá* e *Guenta aí*) refreia o discurso e, após ganhar tempo, prossegue narrando o acontecido.

Notamos que as microconstruções *pêra aí*, em (6) e (7), e *pêra lá*, em (8), embora tenham funções semelhantes, de suspensão do pensamento, apresentam particularidades e, por isso, se convencionalizam em contextos diferentes. Ao utilizar o *lá*, no caso de (8), junto com o verbo *esperar* reduzido morfologicamente, o falante sinaliza um distanciamento, abstendo-se, de certo modo, da responsabilidade do que foi comunicado. Diferentemente, o *aí* denota um sentido de proximidade, indicando que o falante direciona para si próprio a responsabilidade de continuar a explicar como tudo aconteceu.

O terceiro subesquema (denominado  $V_{\text{PERCLOC}}$ ) é constituído por um verbo de natureza perceptiva, *ver*, e pelo locativo *aí*. Para esse subesquema, encontramos duas microconstruções: *vê aí*, em (9), e *vejo aí*, em (10):

(9) (172) Arthur Ferreira - A senhora lembra quando veio prá cá pra Ceilândia?

(173) Sr<sup>a</sup> M. V. - Só sei que o meu menino, quando eu vim pra praqui pro “P” Norte, meu menino tinha nove ano.

(174) Arthur Ferreira - É?

(175) Sr<sup>a</sup> M. V. - O mais velho.

(176) Arthur Ferreira - O mais velho tinha nove anos. Ah, sim!

(177) Sr<sup>a</sup> M. V. - A ota tinha, tinha, tinha doze. A mais velha tinha doze, meu filho. Então **vê ai** quantos anos... Eu num sei.

(178) Arthur Ferreira - Ah, então foi trinta anos atrás, setenta e nove. ((O setor “P” Norte da Ceilândia foi criado em 1979. E uma colega da Sr<sup>a</sup> M. V. confirma.)) (SRA. M. V. **A Brasília que não lê**. 27 jul. 2009).

(10) (153) Sr. C. S. – incentivar o istudo pra pessoa, puque é a base da dada pessoa que num tem otos, otas renda otas coisa a istudá né, se pudesse incentivava a istudar né, as pessoas que, **vejo ai** muitos jovens tamém que tem condição de istudaabadona a iscola né, por carra de besteira, de coisa que num deve acontecer, por carra de num sei prunque que ele deixa os istudo né? (SR. C. S. **A Brasília que não lê**. 12 abr. 2009).



Em ambos os casos, o verbo *ver* não está sendo usado com seu sentido original, de enxergar uma coisa concreta. Em (9), juntamente com o *aí*, foi utilizado como uma ordem para calcular, com base nos dados apresentados, a data em que a Sr<sup>a</sup> M. V. se mudou para o setor “P” Norte da Ceilândia. Em (10), por sua vez, a microconstrução é utilizada de forma a estabelecer uma constatação de que existem muitos jovens que têm condições de estudar, mas que abandonam a escola. No que diz respeito ao *aí*, que normalmente indica proximidade dos interlocutores, como em (9), em (10), sinaliza um certo distanciamento, demonstrando vagacidade e indeterminação do que está sendo comunicado.

Considerando as propriedades formais e funcionais, notamos: apesar de nas duas situações verbo e locativo formarem unidades integradas, de forma e de sentido, as duas microconstruções se diferem, no eixo formal: (i) o verbo se encontra reduzido morfologicamente em (9), já em (10), não; (ii) as pessoas gramaticais e os modos dos verbos são diferentes: em (9), trata-se da 2<sup>a</sup> pessoa do singular do imperativo afirmativo, e, em (10), da 1<sup>a</sup> pessoa do singular do presente do indicativo, sinalizando, portanto, níveis de responsabilidades diferentes: em (9), a responsabilidade é atribuída ao Arthur; enquanto em (10) o argumento apresentado é de responsabilidade do Sr. C. S; (iii) em (9), o *então* funciona como uma expressão de reforço que auxilia na formação do sentido de exortação de ação expressa pelo *vê aí*, o que não acontece em (10), onde não há expressão de reforço.

No eixo funcional, as microconstruções também apresentam propriedades discursivo-funcionais diferentes: em (9), tem caráter injuntivo, pois a entrevistada, ao usar *vê aí*, chama a atenção de seu interlocutor e exorta uma ação que deve ser executada por ele, afinal, ela não sabe a resposta exata para sua pergunta. Nesse caso, assumimos que o *type* funciona como um *marcador discursivo de exortação*. Em (10), ao usar o *veja aí*, o entrevistado apresenta uma constatação que reforça o seu ponto de vista, de que é preciso incentivar as pessoas a estudarem. Para esse uso, assumimos que ele atua como um *marcador discursivo de constatação*, uma vez que, como destaca Teixeira (2015, p.233), a “informação posta na sequência sempre se relaciona ao contexto precedente a fim de atestar o discurso do falante.”

O quarto subesquema (denominado de V<sub>EST</sub>Loc) é formado por dois verbos de natureza estativa, o verbo *ser* e o *estar*, ambos seguidos do locativo *aí*. Os usos desse subesquema estão associados a contextos em que se estabelece uma ênfase

na relação entre o que é dito anteriormente e uma constatação, de forma a destacar a opinião/argumento que aparece em sequência, como podemos observar em (11) e (12):

(11) (39) Sr<sup>a</sup> I. - Ainda aprendi a lê e escrever, ainda aprendi, achu que eu fazia 3 continha por aí, e só.

(40) Arthur Ferreira - Só, né?

(41) Sr<sup>a</sup> I. - Só, a minha vida **é aí!** Depois é... Pronto cabô se por aí, cabô escola cabô tudo. Fomu trabalhar todo mundo na roça e o que aparecesse prá fazer né? E pronto. [...] (SRA. I. **A Brasília que não lê**. 29 mar. 2009).

(12) (156) Maria Arnete: Bom, eu acredito que o que eu queria saber já tá aí. Muito Obrigada,

(157) Sr. O. F.: Por nada! **Estamos aí** por qualquer coisa. (SR. O. F. **A Brasília que não lê**. 19 abr. 2009).

No primeiro momento, em (11), a entrevistada descreve o que aprendeu e, ao ser questionada, no segundo, constata com o *é aí* que a sua vida se restringe apenas a ler, escrever e fazer três continhas, estabelecendo a relação entre esse fato e o argumento apresentado posteriormente (*Depois é... Pronto cabô se por aí, cabô escola cabô tudo*). Assim como a microconstrução *é aí*, em (11), *estamos aí*, em (12), tem seu uso favorecido pela relação contextual entre o que é dito anteriormente e o que é colocado em sequência. No caso, o Sr. O.F., ao utilizar o *estamos aí*, o faz com o intuito de afirmar que está à disposição de Maria Arnete, um sentido que é reforçado pela expressão *por qualquer coisa*.

Do ponto de vista formal, assim como ocorre com os outros subesquemas, o *é aí*, em (11), e o *estamos aí*, em (12), apresentam *status* construcional, pois verbos e locativo perdem suas propriedades originais, já que constituem uma unidade integrada de forma e sentido. Do ponto de vista funcional, evidenciamos que tanto os verbos quanto o locativo estão: (i) em nível mais abstrato, (ii) formam combinações menos composicionais, (iii) pragmaticamente, os usos das construções estão associados à intenção comunicativa do falante, de constatar/reforçar o seu raciocínio, em (11), a respeito da sua vida escolar e, em (12), o intuito de constatar o

fato de estar à disposição da entrevistadora caso ela precise retornar. Para esses casos, assumimos que as microconstruções funcionam como *marcadores discursivos de constatação*.

O quinto subesquema (denominado de  $V_{DESLLOC}$ ) é formado por uma locução verbal que indica deslocamento e o locativo *lá*. Seu uso está associado a situações que indicam parceria/interesse comum:

(13) (118) Sr A. - Ai, no, no, embalo que operei eu fiquei de repouso em casa, e ela [a esposa] fico trabalhanu na casa da mãe dela, levanu a Jackeline e trazenu, certo, e já tava grávida do Rodrigo.

(119) Arthur Ferreira - E como é foi é, a é os seus filhos aqui na escola em Brasília?

(120) Sr A. - Então é o que'u, tâmo, **vâmo chegá lá**. (SR. A. **A Brasília que não lê**. 06 abr. 2009).

Diferentemente dos exemplos apresentados anteriormente, em (13), encontramos a microconstrução formada por três elementos, dois verbos e um locativo. Assim como nos outros subesquemas, verbos e locativos constituem uma unidade de forma e sentido. No que diz respeito à dimensão funcional, *vâmo chegá lá* pressupõe um deslocamento, dada a natureza dos dois verbos que indicam movimento; no entanto, não se trata de um deslocamento espacial, e sim discursivo, visto que o falante sinaliza para o interlocutor que ele pretende falar sobre a vida escolar dos seus filhos em Brasília assim que terminar de falar sobre o que aconteceu quando ele foi operado. A microconstrução funciona, nesse contexto, como um *marcador discursivo refreador*, pois refreia a expectativa do entrevistador, demonstrando que o falante tem interesse de chegar ao ponto esperado pelo interlocutor.

Feitas as análises, sistematizamos, no Quadro 4, as propriedades identificadas para todos os subesquemas:

Quadro 4 – Propriedades formais e funcionas dos subesquemas procedurais

PROPRIEDADES	CARACTERÍSTICAS IDENTIFICADAS NOS SUBESQUEMAS
FONOLÓGICAS	No caso dos subesquemas $V_{SUSPLOC}$ , $V_{PERCLOC}$ e $V_{DESLLOC}$ , houve

	redução de material fônico, o que sugere constituição de grupo de força entre verbo e locativo que passam a apresentar traços prosódicos particulares.
<b>MORFOLÓGICAS</b>	<p>Todos os subesquemas apresentaram perda de traços de categorias de verbo e locativo, mas variaram quanto à forma cristalizada:</p> <p>1) <math>V_{COGLOC}</math>: 1ª pessoa do singular do presente do indicativo; locativo invariável; ausência de contrações;</p> <p>2) <math>V_{SUSPLOC}</math>: 2º pessoa do singular do imperativo afirmativo; locativo variável (aí / lá); há contrações;</p> <p>3) <math>V_{PERCLOC}</math>: ora na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo com locativo invariável e com contração do verbo; ora na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo; locativo invariável sem contração verbal;</p> <p>4) <math>V_{ESTLOC}</math>: ora na 1ª pessoa do singular do imperativo afirmativo, ora na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo; em ambos os casos, o locativo permanece invariável e não há contrações;</p> <p>5) <math>V_{DESLLOC}</math>: 1ª pessoa do plural do presente do indicativo; locativo invariável; há contrações.</p>
<b>SINTÁTICAS</b>	<p>1) perda de propriedades sintáticas do verbo e do locativo;</p> <p>2) fixação da posição <math>V_{LOC}</math>, sem possibilidade de inserção de item no interior da construção e de negação;</p> <p>3) apenas os subesquemas <math>V_{PERCLOC}</math> e <math>V_{ESTLOC}</math> não apresentaram marcação de pausa indicada por sinal de pontuação;</p> <p>4) formação de um <i>chunking</i> (encadeamento): os elementos formam uma unidade maior de forma e sentido.</p>
<b>SEMÂNTICAS</b>	<p>1) perda do sentido original;</p> <p>2) diminuição da composicionalidade;</p> <p>3) perspectiva (inter)subjativa;</p> <p>4) expansão da <i>host-class</i>, semântico-pragmática:</p> <p><math>V_{COGLOC}</math>: o <i>chunk</i> sugere hesitação;</p> <p><math>V_{SUSPLOC}</math>: usada como uma suspensão do discurso;</p> <p><math>V_{ESTLOC}</math>: indica constatação;</p> <p><math>V_{PERCLOC}</math>: ora indica uma exortação, ora uma constatação;</p> <p><math>V_{DESLLOC}</math>: aponta um deslocamento na intenção.</p>
<b>PRAGMÁTICAS</b>	<p>1) Todos os subesquemas se constituem em estratégias a serviço da comunicação;</p> <p>2) expansão <i>host-class</i>: renovação de categoria dos modalizadores e dos marcadores discursivos no PB.</p>
<b>DISCURSIVO – FUNCIONAIS</b>	<p>Todos os subesquema foram usados para provocar a atenção do interlocutor; no entanto, os objetivos foram:</p> <p>1) <math>V_{COGLOC}</math>: demonstrar, enquanto modalizador, a incerteza na precisão do fato enunciado. Enquanto marcador, a atenção é requerida para demonstrar certa hesitação e finalizar o assunto;</p> <p>2) <math>V_{SUSPLOC}</math>: temporalizar a opinião, ganhando tempo para corrigir a informação apresentada;</p> <p>3) <math>V_{PERCLOC}</math>: exortar uma ação que a entrevistada deseja que o entrevistador execute ou para apresentar um argumento para reforçar</p>

	seu ponto de vista, ou para constatar um fato; 4) V <sub>EST</sub> Loc: convencer o interlocutor a compartilhar o seu ponto de vista ou constatar o fato de estar à disposição; em ambos os casos, funciona como uma expressão de constatação; 5) V <sub>DESL</sub> Loc: refrear à expectativa do interlocutor, temporalizando a opinião e indicando que, para o falante, a contextualização de sua história é importante para o tema.
--	--

Fonte: elaboração própria

### 3.5 Deslizamentos formais e funcionais de VLoc: a análise quantitativa

Identificadas as funções, se lexicais, se procedurais, realizamos o primeiro levantamento quantitativo, a fim de demonstrar as frequências de uso desses dois padrões instanciados pela construção VLoc. O resultado desse levantamento é apresentado na Tabela 1:

Tabela 1 – Cômputo geral das funções de VLoc

LEXICAIS		PROCEDURAIS	
OC	%	OC	%
287	92,3	24	7,7

Fonte: elaboração própria

Como se pode notar, 92,3% das ocorrências são de microconstruções formadas de verbo pleno + locativo dêitico, e apenas 7,7% são de microconstruções com verbos que apresentam uma adjacência maior com o locativo, formando um pareamento de forma-sentido. Acreditamos que o maior número de ocorrências da primeira função decorra do tipo de perguntas feitas pelo entrevistador, quase sempre orientadas a um determinado espaço físico, ora à cidade de origem, ora à cidade de Brasília.

Embora o número de funções procedurais seja pouco acentuado<sup>16</sup>, a pesquisa evidenciou um número, que consideramos significativo, de subesquemas, que, como podemos ver na Tabela 2, apresentam frequências de uso variadas:

<sup>16</sup> Ao realizarmos a nossa pesquisa, nosso principal intuito foi apresentar uma amostra que comprovasse a multifuncionalidade de padrões construcionais instanciados pela construção VLoc. Dessa forma, a partir das análises realizadas e dos resultados alcançados, julgamos que a pequena quantidade de dados não comprometeu a qualidade do trabalho.

Tabela 2 – Cômputo dos subesquemas procedurais

<b>V<sub>COG</sub>Loc</b>		<b>V<sub>SUSP</sub>Loc</b>		<b>V<sub>PERC</sub>Loc</b>		<b>V<sub>EST</sub>Loc</b>		<b>V<sub>DESL</sub>Loc</b>	
OC	%	OC	%	OC	%	OC	%	OC	%
11	45,8	8	33,3	2	8,3	2	8,3	1	4,3

Fonte: elaboração própria

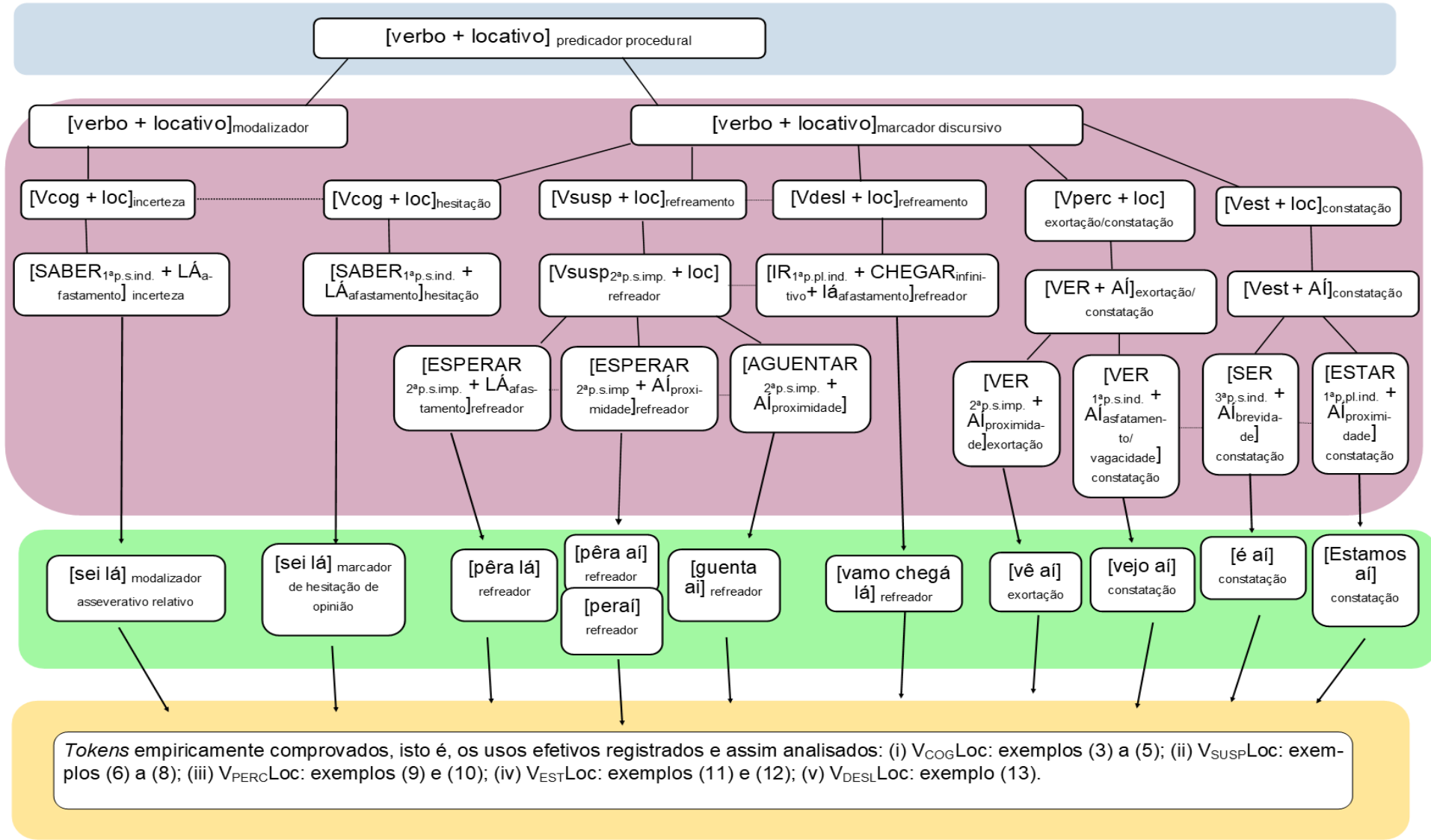
Como se pode notar, das 24 ocorrências dos subesquemas, as frequências mais acentuadas são de  $V_{COG}Loc$ , constituída pelo verbo *saber* + o locativo *lá*, com um total de 45,8%, e  $V_{SUSP}Loc$ , formada pelos verbos *esperar* e *aguentar* + locativos *lá* e *ai*, com 33,3%. Os dados demonstram ainda que os subesquemas  $V_{PERC}Loc$ , verbo perceptivo *ver* + locativo *aí*, e  $V_{EST}Loc$ , verbos estativos *ser* e *estar* + locativo *aí*, apresentam 8,3% cada um; por fim, o subesquema  $V_{DESL}Loc$ , que indica deslocamento discursivo, apresenta 4,3% do percentual total.

Os números apresentados nessa Tabela 2 nos permitem inferir que estamos diante de uma situação de fixação de novos padrões gramaticais para verbos e locativos. Como vimos, seja como modalizador, seja como marcador discursivo, as microconstruções atuam no âmbito pragmático-discursivo, o que leva verbo e locativo a assumirem propriedades diferentes daquelas que eles apresentam quando usados em suas funções lexicais.

### 3.6 A hierarquia construcional da construção [VLoc] procedural

Para a abordagem construcional, a língua é formada por construções organizadas em rede, sendo ela representada por níveis esquemáticos, como no modelo proposto por Traugott e Trousdale (2013), ilustrado na Figura 3 da página 24 desta dissertação, e adotado em nossa análise, cuja representação apresentamos na Figura 5:

Figura 5 – Distribuição de VLoc com funções procedurais em níveis de esquematicidade



Fonte: elaboração própria

Nossa proposta de rede hierárquica de VLoc contém os quatro níveis esquemáticos. Em uma análise *top-down*, representamos, no primeiro nível, identificado pela cor azul, o esquema mais geral e abstrato, composto por dois *slots*: um para o verbo e um para o locativo.

No segundo nível, identificado pela cor roxa, relacionamos, primeiro, os dois grandes subesquemas - [Verbo + locativo] modalizador e [Verbo + locativo] marcador discursivo - e, depois, os padrões licenciados por cada um deles. Nesses padrões, especificamos, em primeiro lugar, a propriedade semântica do *slot* preenchido pelo verbo ( $V_{\text{COGLOC}}$ ;  $V_{\text{SUSPLOC}}$ ;  $V_{\text{DESLLOC}}$ ;  $V_{\text{PERCLOC}}$ ;  $V_{\text{ESTLOC}}$ ), bem como as inferências pragmáticas registradas (incerteza, hesitação, refreamento, exortação e constatação); em segundo, elencamos os tipos de verbos (*saber, esperar, aguentar, ver, ser, estar*) e suas propriedades flexionais e os tipos de locativos (*aí, lá*) e suas nuances semânticas (afastamento, proximidade, brevidade).

No terceiro nível, sinalizado pela cor verde, representamos as microconstruções, tipos individuais de construção cujos *slots* são totalmente preenchidos (*sei lá, pêra lá, pêra aí, per aí, guenta aí, vâmo chegá lá, vê aí, vejo aí, é aí, estamos aí*) e que desempenham as microfunções (modalizador asseverativo relativo, marcadores de hesitação de opinião, de refreamento, de exortação e de constatação).

Por fim, no quarto nível, sinalizado pela cor laranja, indicamos os construtos, as ocorrências empiricamente atestadas, que estão devidamente identificadas pelos números dos exemplos.

Ao assumirmos que a língua é uma rede de nós que se ligam através dos *links* (GOLDBERG, 1995), podemos evidenciá-los vertical e horizontalmente. Analisando as relações verticais, os *links* de herança, percebemos que as microconstruções são geradas em sentido descendente (*top-down*), uma vez que herdamos características dos subesquemas e, estes, por sua vez, se originam a partir do modelo convencionalizado, esquema superordenado e abstrato VLoc (verbo + locativo).

Além das relações de herança, que acontecem entre níveis esquemáticos diferentes, as construções se relacionam entre si, pela metáfora da rede, nos mesmos níveis hierárquicos. Como exemplo, em nossa rede, podemos notar *links* de polissemia e *links* de subparte.



Como exemplos dos *links* polissêmicos, destacamos: (i) a ligação entre os subesquemas [V<sub>COG</sub> + Loc]<sub>incerteza</sub> e [V<sub>COG+LOC</sub>]<sub>hesitação</sub>, com o mesmo verbo, mas com extensão do valor semântico (incerteza > hesitação); (ii) a ligação entre os subesquemas [V<sub>SUSPLOC</sub>] e [V<sub>DESLLOC</sub>], com verbos diferentes, porém com o mesmo valor de refreamento; (iii) a ligação entre [V<sub>PERCLOC</sub>] e [V<sub>ESTLOC</sub>], também com verbos diferentes, mas com o mesmo valor de constatação. Já o *link* de subparte pode ser observado no nível da microconstrução, entre *pêra aí* e *peraí*, uma vez que correspondem ao seguinte percurso reducional: *espera aí* > *pêra aí* > *peraí*.

Além disso, notamos a possibilidade de mais de um verbo ocorrer no *slot* de um mesmo subesquema, gerando *types* diferentes, mas com funcionalidades similares. É o caso das microconstruções *pêra lá*, *guenta aí*, *pêra aí* e *peraí*, que compartilham traços comuns tanto na forma (todas são constituídas por verbo em segunda pessoa no imperativo + locativo) como no sentido (funcionam como marcador discursivo refreador). Ressaltamos que, embora tenham a mesma função, elas apresentam propriedades gramaticais distintas por conta do entorno discursivo, haja vista que as microconstruções formadas com o verbo *esperar*, no padrão por nós encontrado, aceitam tanto o locativo *lá* como o *aí*.

Percebemos, ainda, que *types* formados por verbos semanticamente diferentes podem ser usados com a mesma subfunção, sendo que a escolha entre um e outro é determinada pelo contexto construcional em que a construção VLoc está inserida. Por exemplo, os subesquemas V<sub>SUSPLOC</sub> e V<sub>DESLLOC</sub> foram usados como marcadores discursivos refreadores, todavia, no primeiro caso, os verbos *esperar* e *aguentar* apresentam natureza suspensiva e referem-se à segunda pessoa gramatical, numa perspectiva voltada ao interlocutor; enquanto, no segundo caso, a locução em primeira pessoa do plural é determinada pelo *frame* de solidariedade por parte do falante em relação à expectativa do interlocutor, em uma situação que indica parceria/interesse comum, apresentando, assim, uma perspectiva altamente intersubjetiva.

Defendemos, em nossa análise, que a microconstrução *guenta aí* é originada pelo mecanismo da analogização<sup>17</sup>, favorecida por questões contextuais, em que o padrão *(es)pera aí* tenha servido de exemplar. É por meio da analogização que

---

Traugott e Trousdale (2013, p. 38) revisitam o termo para marcar a diferença entre o mecanismo e a motivação, como o pensamento analógico, um fator facilitador da mudança que “combina aspectos de significado e forma”, podendo resultar ou não em mudança. Ele está ligado ao princípio do melhor encaixe e antecede a analogização.

padrões gramaticais são fixados por meio da correspondência de significado e de forma que não existiam antes a partir de uma construção fonte, que, como afirma Bybee (2010), é geralmente o termo mais frequente.

Da mesma forma, acreditamos que a microconstrução *sei lá* tenha seu uso expandido de modalizador para marcador discursivo. Dito isto, assumimos, com base em Bybee (2010) e Traugott e Trousdale (2013), que não existem construções inteiramente novas, mas sim uma relação de novos usos que se apresentam interconectados com outro(s) nó da rede.

Pela Figura 6, percebemos, ainda, que o subesquema de marcador discursivo apresenta mais microconstruções do que a de modalizador, o que pode ser explicado por meio de fatores como esquematicidade, produtividade e composicionalidade, nos termos de Traugott e Trousdale (2013). A esquematicidade diz respeito ao grau de generalidade das propriedades formais e funcionais de uma construção. Em nossa amostra, por exemplo, em decorrência da expansão a outros contextos de uso, o subesquema Marcador Discursivo apresenta maior possibilidade de preenchimento dos *slots* ocupados por verbos e locativos variados que o subesquema Modalizador, que foi instanciado apenas pelo *type sei lá*.

A esse fator estão associados ainda os fatores produtividade e composicionalidade. O primeiro diz respeito à frequência e é diretamente proporcional à esquematicidade, pois, quanto maior for a possibilidade de preencher os espaços vazios, mais produtiva uma construção se torna, uma vez que diferentes *types* podem ser instanciados. Em nossa amostra, o subesquema Marcador Discursivo instanciou 10 microconstruções: *sei lá, é aí, pêra lá, guenta aí, pêra aí, peraí, vâmo chega lá, vê aí, vejo aí e estamos aí*.

Sobre o segundo fator, a composicionalidade, isto é, o grau de transparência entre forma e significado, podemos afirmar que a construção *sei lá* é mais composicional quando ela exerce a função de modalizador, que, como vimos, possibilita a alternância pelo equivalente *não sei*. Na função de Marcador Discursivo, é, portanto, menos composicional, já que não permite esse tipo de substituição.

### 3.7 Finalizando o capítulo

Neste capítulo, apresentamos os resultados da nossa pesquisa, que teve como objetivo geral investigar padrões formais e funcionais que a construção verbo + locativo (VLoc) tem apresentado no português brasileiro contemporâneo.

Da análise feita, constatamos que verbo e locativo são usados ora com função lexical, ora com função procedural. Nossa atenção se voltou em especial para esta última função, já que ela evidencia uma unidade integrada de forma e de sentido, nos termos de Croft (2001).

Como vimos, 24 microconstruções procedurais foram registradas, e, a partir da análise qualitativa que promovemos (conforme Croft (2001), Traugott e Trousdale (2013) e Teixeira (2015)), pudemos constatar que são, de fato, duas macrofunções, modalizador e marcador discursivo, que são efetivamente usadas. As microconstruções foram agrupadas com base na natureza semântica dos verbos, constituindo, assim, cinco subesquemas: (i) verbo cognitivo + locativo (V<sub>COG</sub>Loc); (ii) verbo suspensivo + locativo (V<sub>SUSP</sub>Loc); (iii) verbo perceptivo + locativo (V<sub>PERC</sub>Loc); (iv) verbo estático + locativo (V<sub>EST</sub>Loc); (vi) verbo deslocamento + locativo (V<sub>DESL</sub>Loc).

Concluimos que o processo de abstratização das microconstruções analisadas é decorrente do ganho pragmático-discursivo, especialmente as construções marcadoras discursivas. Ainda que desempenhem a mesma macrofunção, as microconstruções analisadas mantêm suas particularidades, motivadas pelos diferentes contextos em que estão inseridas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa foi desenvolvida sob o viés teórico-metodológico da Linguística Funcional Centrada no Uso, em especial, da chamada Gramática de Construções, tendo como base autores como Croft (2001), Goldberg (2006), Traugott (2008), Bybee (2010), Traugott e Trousdale (2013), Rosário e Oliveira (2016), entre outros.

A investigação teve como objetivo geral investigar padrões formais e funcionais instanciados pela construção formada por verbo + locativo (VLoc) no português brasileiro contemporâneo, e, para tanto, utilizamos como *corpus* 40 entrevistas disponíveis no Banco de Dados do Projeto intitulado “A Brasília que não lê” (desenvolvido pela profa. Dra. Stella Maris Bortoni de Figueiredo Ricardo, no período de 2009-2011).

Para alcançar nosso objetivo geral, as ações específicas foram: i) coleta de dados, ii) descrição e análise qualitativa iii) sistematização quantitativa das frequências *token* das microconstruções; (iv) demonstração da hierarquia construcional das construções VLoc procedurais. Feito isso, os resultados foram:

(i) quanto à forma: a construção cristalizou em posição fixa VLoc, havendo perda de propriedades sintáticas dos verbos e locativos: verbo não seleciona argumento interno e o locativo, ainda que pós-verbal, não tem valor circunstancial; em alguns casos, evidenciamos perda de material fônico e, conseqüentemente, morfológico, além de marcação por pausa.

(ii) quanto à função: com base na natureza semântica verbal, as 24 microconstruções identificadas foram agrupadas em cinco subesquemas, a saber: a) verbo cognitivo + locativo ( $V_{COGLOC}$ ); b) verbo suspensivo + locativo ( $V_{SUSPLOC}$ ); c) verbo perceptivo + locativo ( $V_{PERCLOC}$ ); d) verbo estático + locativo ( $V_{ESTLOC}$ ); e) verbo deslocamento + locativo ( $V_{DESLLOC}$ ); identificamos, ainda, que o *frame* não é espacial, mas está intrínseco ao espaço da interação, e, por isso, as combinações exercem funções pragmático-discursivas, em nível macro, a de modalização ou de marcação discursiva, e, em nível micro, a de modalizador asseverativo relativo, as de marcadores de contestação, de exortação, de hesitação de opinião e de refreamento, comprovando o princípio da fraca composicionalidade.

(iii) quanto à rede construcional: identificamos uma rede produtiva, principalmente no que diz respeito ao subesquema de marcadores discursivos, evidenciando que as microconstruções tiveram seus contextos de uso expandidos, em prol da eficiência comunicativa.

Do que foi analisado e constatado, ratificamos a importância do desenvolvimento de pesquisas que tratem da natureza dinâmica das línguas, a fim de complementar a abordagem dada à língua no espaço escolar da educação básica. As escolas, ainda hoje, centram sua atenção no ensino tradicional em que fenômenos tão comuns, como o analisado nesta pesquisa, ficam à margem, uma vez que não cabem na lógica das categorias discretas e rígidas da tradição.

Entendemos que não basta, enquanto professores, apenas apresentar e discutir, com base no conhecimento teórico, esses novos usos que não são abordados pelas gramáticas normativas. Ao contrário, é preciso aliar conhecimento linguístico dos alunos com o saber linguístico normativo e com o saber do professor. Para isso, é preciso assumir: (i) a natureza fluida e dinâmica da língua; (ii) a necessidade de um ensino reflexivo e crítico, que não se restrinja à mera memorização de nomenclaturas e de atividades metalinguísticas que, muitas vezes, partem de usos arcaicos; e (iii) a importância de abordar os usos reais da língua, utilizando gêneros diversos, para dar conta de situações que não são contempladas pela tradição, a exemplo da construção VLoc.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), ao final da educação básica, espera-se que o aluno esteja formado para participar efetivamente na sociedade, com isso, acredita-se, dentre outras coisas, que ele tenha desenvolvido a sua autonomia e o seu perfil pesquisador. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reforça esse anseio enfatizando a importância do desenvolvimento da criticidade e do uso das diferentes linguagens como forma de expressão e compartilhamento eficiente de informações, experiências, sentimentos e ideias nos mais diferentes contextos.

Dessa forma, defendemos que a LFCU apresenta pressupostos que podem auxiliar nesse desenvolvimento, contemplando a análise crítica e a competência linguística do aluno, uma vez que permite o contato com práticas diversas da linguagem. No entanto, para que isso se efetive, é preciso considerar propriedades formais e funcionais que contextualizam toda manifestação de linguagem em textos,

sejam eles falados ou escritos, com níveis variados de formalidade e com finalidades diversas, fatores já salientados nos PCN (BRASIL, 1998) e reafirmados pela BNCC (BRASIL, 2017).

A descrição gramatical, foco das aulas tradicionais, poderá ser usada, então, como um instrumento para o desenvolvimento da competência comunicativa, desde que sejam considerados aspectos ligados à variação (a língua apresenta padrões estáveis e emergentes) e à gradiência das categorias linguísticas (mobilidade categorial que proporciona fronteiras pouco nítidas entre as categorias). O professor, ao entender noções como essas, poderá desenvolver um trabalho que contemple três etapas: uso > reflexão > uso. As reflexões linguísticas devem partir dos usos concretos da língua realizados pelos alunos nas suas diversas interações, de tal forma que eles consigam identificar os recursos linguísticos que já dominam e quais precisam aprender a dominar para as novas situações comunicativas, conforme prevê os PCN (BRASIL, 1998).

Para tanto, o professor precisará desenvolver atividades linguísticas (relacionadas a exercícios que contemplem usos reais de língua), epilinguísticas (envolvendo processos e operações que o sujeito faz sobre a própria linguagem) e metalinguísticas (análise e descrição por meio da categorização), visando proporcionar ao aluno uma compreensão mais ampla do funcionamento da língua.

Além disso, se o docente compreender a noção de prototipicidade a qual está relacionada ao processo de categorização, por exemplo, entenderá que é mais importante discutir com seu aluno os efeitos de sentido advindos de usos inovadores do que ficar apenas classificando os itens de uma língua. No caso da construção VLoc procedural, por exemplo, ela só pode ser compreendida em conjunto, pelo pareamento de forma e sentido que representa.

Assim como a construção que analisamos, muitas outras estão em evidência na língua, vislumbrando possibilidades de novas investigações. Portanto, ressaltamos que a nossa pesquisa não acaba aqui, uma vez que a língua continua e continuará abrindo caminhos para que outras investigações possam ser realizadas, para que novas abordagens possam ser promovidas, sempre no intuito de revelar o quão dinâmico e fascinante é este objeto: a língua!

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso [1952-1953]. In: \_\_\_\_\_. Tradução do russo Paulo Bezerra. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 361-306.

BORTONI-RICARDO, S. M. A Brasília que não lê. **Banco de dados**, 2009. Disponível em: <<http://www.stellabortoni.com.br/index.php/projetos/a-brasilia-que-nao-le/category/20-banco-de-dados>>. Acesso em: abr. maio, 2019.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

\_\_\_\_\_. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. IN: JOSEPH, B.; JANDA, R. (Ed.). **A handbook of historical linguistics**. Blackweel, 2003. p. 602- 623.

\_\_\_\_\_. **Language, usage and cognition**. [2010]. Trad. Maria Angélica Furtado da Cunha. Revisão Técnica. Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez, 2016.

CROFT, W. **Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

\_\_\_\_\_.; CRUSE, D.A. **Cognitive Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; A linguística centrada no uso (ou linguística cognitivo-funcional). In: SOUZA, M. et al. (Org.) **Sintaxe em Foco**. Recife: PPGL/UFPE, p. 29-49, 2012

\_\_\_\_\_.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZÁRIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (Org.). **Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2013, p.13-39.

GOLDBERG, A. **Constructions: a construction approach to argument structure**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

\_\_\_\_\_. **Constructions at work: the nature of generalization in language**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. **Grammaticalization**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003[1993].

NEVES, M. H. M. O advérbio. In: \_\_\_\_\_. **Gramática dos usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000, p. 236-250.

\_\_\_\_\_. **Gramática funcional: interação, discurso e texto**. São Paulo: Contexto, 2018.

OLIVEIRA, M. R.; SANTOS, L.P. Padrões de uso da expressão *sei lá* no português. **Signótica**, Goiânia, v. 23, n. 2, p. 363-384, jul./dez. 2011. Disponível em:<<https://www.revistas.ufg.br/sig/article/view/17529>>. Acesso em: ago 2018.

ROSA, F.S. **As expressões *espera aí* e *espera lá* na perspectiva da gramaticalização**. 2012. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

ROSÁRIO, I. C. Gramática, gramaticalização, construções e integração oracional: algumas reflexões In: OLIVEIRA, M.R.; ROSÁRIO, I.C. (Org.). **Linguística Centrada no Uso: teoria e método**. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2015, p. 36-50.

\_\_\_\_\_.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e a abordagem construcional da gramática. **ALFA**, São Paulo, v. 60, n. 2, p. 233-259, 2016. Disponível em:<<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/8007/5854>>. Acesso em: abr 2018.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. 17. ed. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1993.

SPERANÇA-CRISCUOLO, A.C. Uma abordagem cognitivista da língua. In: \_\_\_\_\_. **Funcionalismo e cognitismo na sintaxe do português: uma proposta de descrição e análise de orações subordinadas substantivas para o ensino** [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2014, pp. 55-82. Disponível em:<<http://books.scielo.org/id/sxg7f/pdf/speranca-9788568334454-05.pdf>>. Acesso em: abr 2019.

TEIXEIRA, A.C.M. **Padrões de uso de *vá lá* e *vamos lá* na norma brasileira do português: micro-construções e gramaticalização**. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

\_\_\_\_\_. **Construção verbal marcadora discursiva VLoc<sub>MD</sub>: uma análise funcional centrada no uso**. 2015. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

TOMASELLO, M; (Ed.) **The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure**. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1998.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. **Regularity in semantic change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

TRAUGOTT, E. C. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of degree modifiers in English. In: ECKARDT, R.; JÄGER, G.; VEENSTRA, T. (Ed.) **Variation, Selection,**



**Development- -Probing the Evolutionary Model of Language Change.**  
Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008. p. 219-250.

\_\_\_\_\_.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes.**  
Oxford: Oxford University Press, 2013.

**ANEXO: Construtos procedurais do Banco de Dados do Projeto  
“A Brasília que não lê”**

OC	Entrevista do(a)	Constructo	Nº de oc.	Função
1	Sra. I	(29) Arthur Ferreira - Não tinha nenhuma escola? (30) Srª I. - Eu vim coim'ecer uma escola, cum 13 anos, [...] tarra trabalhandu fora, trabalhava de custurera trabalhava du' qui aparecessi. Então a criança quandu é nova ela tem quando tem 12 anu, 13 anus ach que ela tem mais cabeça prá istudá do que uma pessoa que tá com 26 anos, 27 anos, <b>sei lá</b> , aí nois num interessou muito ainda aprendi, ainda cheguei até o 3º, ano, como é que fala é, agora é 3º o quê fun...?	1	Modalizador asseverativo relativo
2	Sra. I	(48) Arthur Ferreira - Mas, tinha padre assim? (49) Srª I. - Tinha padre quando mandarra buscar fora. (50) Arthur Ferreira - Só quando buscava fora? (51) Srª I. - Sim, só quando buscava fora, Un-hum. (52) Srª I. - Aí, a g'te rezava aquela missa naquele final de semana e pronto, ai daqui a 6 meses, quando voltava a ter outro, ou um ano, <b>sei lá</b> .	1	Modalizador asseverativo relativo
3	Sra. R	(14) Arthur Ferreira - A senhora é de qual cidade? (15) Srª R. - Eu sô da cidade di... di Ita... da TERRA DU CACAU! [risos ao fundo.] (16) Arthur Ferreira - Qual é a terra du Cacau? (17) Srª R. - ItaBUNAS! (18) Arthur Ferreira - Itabunas fica onde? (19) Srª R. - Eu <b>sei lá</b> meu fi! Ai filhu eu num sei.	1	Modalizador asseverativo relativo
4	Sra. R	(109) Arthur Ferreira - E assim na Igreja a senhora nunca, assim, após assim, a sua alfabetização nunca teve assim, contato pra ler a Bíblia ou algum livro? (110) Srª R. - Não, não, não! [Não]	1	Modalizador asseverativo relativo

		<p>Num vô minti!  (111) Arthur Ferreira - Não né?  (112) Srª R. - Sempru falo a verdade!  (113) Arthur Ferreira - Mas, e por falta de opção ou por falta assim, pu'que de tempo?  (114) Srª R. - Eu <b>sei lá</b>, porque. Eu achava, eu acharra a coisa mais diferenti di ondi eu morava, aqui, é mar diferenti di que lá, (XXX) a genti chegar, ficamu tudu sussegadu pronto só ouvindo.</p>		
5	Sr. P. J.	<p>(114) Arthur Ferreira - Lá o padre lia pra vocês. Vocês entendia o que ele falava?  (115) Sr. P. J. - Intindia nada! Nada! Eu num intindia bulufa ni'uma.  (116) Arthur Ferreira - Não? Era latin que eles falava era? Ou era português que ele falava?  (117) Sr. P. J. - Eu <b>sei lá</b>, eu nem lembro mais como é que era moço!</p>	1	Modalizador asseverativo relativo
6	Sra. M. C.	<p>(12) Arthur Ferreira - São João Evangelista? Ah, tá! E como é que era a infância da senhora lá?  (13) Srª M. C. - Ah, <b>sei lá</b>, minha mãe trabalhava, a gente ficava só e num... Foi crescendo comecei trabalhar logo cedo e com catoze ano sai de casa pá trabalhar e fui vivendo a vida assim, depois.</p>	1	Modalizador asseverativo relativo
7	Sra. M. A.	<p>(08) Arthur Ferreira - E como é que era a infância da senhora lá no na cidade? Qual a cidade do Ceará que a senhora nasceu?  (09) Srª M. A. - Sucesso! Tamburiu!  (10) Arthur Ferreira - Cande... Como é que é?  (11) Srª M. A. - Tamburiu!  (12) Arthur Ferreira - Tamburiu Sucesso?  (13) Srª M. A. - Tamburilsse... <b>Sei lá!</b></p>	1	Modalizador asseverativo relativo
8	Sra. M. S.	<p>(74) M. Arnete: em casa ces.. num tinha mais ninguém, né? que sabia ler nem escrever? Tinha rádio? Tinha, né, lá?  (75) SRª M. S.: no tempo do... tinha, mas quando a gente morava com os meus pai, não.</p>	1	Modalizador asseverativo relativo

		(76) M. Arnete: então não vinha nenhuma informa... assim só quando viesse alguém da cidade que tinha alguma notícia da cidade é, como era? (77) SR <sup>a</sup> M. S.: eu <b>sei lá</b> , moça.		
9	Sr. C. S.	(132) Sr. C. S. – mas ele parô também. istudô certa parte + uma certa parte. E assim tem hoje tamém que ++Vanelsa tamém num concruiu não né? Concruiu? É, os otro acho que concruiu, né? Até o grau lá, <b>sei lá</b> .	1	Modalizador asseverativo relativo
10	Sr. O. F.	(176) Maria Arnete: e como é que era na escola, pra aprender, como que era o método? (177) SR. O. F.: olha, é, foi um pouco difícil, sabe, porque, veja bem, as vezes, isso, eu me sinto até hoje, que me atrapalhou muito o meu aprendizado, pelo seguinte, é, naquela época as pessoas tinham, <b>sei lá</b> , uma, um conhecimento, uma cultura um pouco diferente, né, uma personalidade diferente, né, então o que que acontece, a professora, ela usava régua, sabe a pramatora, tinha a pramatora, sabe, que que, pra, usava pra bater na gente, e era maderá mesmo	1	Modalizador asseverativo relativo
11	Sra. I	(39) Sr <sup>a</sup> I. - Ainda aprendi a lê e escrever, ainda aprendi, achu que eu fazia 3 continha por aí, e só. (40) Arthur Ferreira - Só, né? (41) Sr <sup>a</sup> I. - Só, a minha vida <b>é aí!</b> Depois é... Pronto cabô se por aí, cabô escola cabô tudo. Fomu trabalhar todo mundo na roça e o que aparecesse prá fazer né? E pronto. [...]	1	Marcador discursivo de constatação
12	Sr. C. S.	(153) Sr. C. S. – incentivar o istudo pra pessoa, puque é a base da da da pessoa que num tem otos, otas renda otas coisa a istudá né, se pudesse incentivava a istudar né, as pessoas que, <b>vejo ai</b> muitos jovens tamém que tem condição de istuda abadona a iscola né, por carra de besteira, de coisa que num deve acontecer, por carra de num sei prunque que ele	1	Marcador discursivo de constatação

		deixa os istudo né?		
13	Sr. O. F.	(156) Maria Arnete: Bom, eu acredito que o que eu queria saber já tá aí. Muito Obrigada, (157) SR. O. F.: Por nada! <b>Estamos ai</b> por qualquer coisa.	1	Marcador discursivo de constatação
14	Sra. M. V.	(172) Arthur Ferreira - A senhora lembra quando veio prá cá pra Ceilândia? (173) Srª M. V. - Só sei que o meu menino, quando eu vim pra pra qui pro "P" Norte, meu menino tinha nove ano. (174) Arthur Ferreira - É? (175) Srª M. V. - O mais velho. (176) Arthur Ferreira - O mais velho tinha nove anos. Ah, sim! (177) Srª M. V. - A ota tinha, tinha, tinha doze. A mais velha tinha doze, meu filho. Então <b>vê ai</b> quantos anos... Eu num sei. (178) Arthur Ferreira - Ah, então foi trinta anos atrás, setenta e nove. ((O setor "P" Norte da Ceilândia foi criado em 1979. E uma colega da Srª M. V. confirma.))	1	Marcador discursivo de exortação
15	Sra. V. P.	(70) Srª V. P. - Tudo quê é canto tem escola, cê sabe que tem! Tudo que é fazenda tem escola. O povo já tá mais até ficano mais caprichosos, né. (71) Arthur Ferreira - Ah, é? (72) Srª V. P. - Fazê as coisa mais... <b>Sei lá!</b> (73) Arthur Ferreira - Mais no seu tempo não tinha escola?	1	Marcador discursivo de hesitação de opinião
16	Sra. E. S.	(136) Arthur Ferreira - Ah, então a siora mudou pra cá entre 95 ou 96! (137) Srª E S - Por a, não! Foi! Não! <b>Pêra lá... Guenta ai</b> qui eu vô lhis plicar. Eu entrei aqui, eu vim pra cá pru "P" norti, foi, foi im oi noven cincú, comu é não im oitentin cincú, não! Num foi in oitentin cincú não! Ni + Foi na foi não! im noventi seti eu entrei aqui, eu tava entranu, eu foi qui eu fichei nessa firma. In noventa e seti.	2	Marcador discursivo refreador  Marcador discursivo refreador
17	Sr. J. R.	(62) Arthur Ferreira - E em setenta e cinco você trabalhou te pedreiro, você trabalhou em alguma obra	1	Marcador discursivo refreador

		conhecida aqui em Brasília? (63) Sr. J.R. - Trabaiei muntu, ni Conjuto Nacional, in varus lugar, na Americana, varus orgu, Bancu du Brasil, foi no Bancu du Brasil foi rra depois de setenta i seis, Bancu du Brasil, trabaiei muntu tempu, foi uns, trabaiei du <u>mais o menus</u> us patru cincu anus, (XXX) uns cincu, <b>pêra ai</b> , [E] no Conjutu Nacional tambeim foi muntu tempu.		
18	Sra. M. P.	(08) Arthur Ferreira - Piauí, e a senhora nasceu quando? (09) Sr <sup>a</sup> M. P. - Nasci no dia vinte de agosto de oite, de oitenta, <b>perai</b> me confundi. De sessenta e seis.	1	Marcador discursivo refreador
19	Sra. V. P.	(154) Arthur Ferreira - Mas a senhora veio pra Brasília em que ano? A senhora lembra? (155) Sr <sup>a</sup> V. P. - Ah, eu num me lembro mar não! (156) Arthur Ferreira - Num vem não né? ((Falo da data!)) (157) Sr <sup>a</sup> V. P. - Quê, que é isso? <b>Peraí</b> , xá vê se eu ainda lembro. (158) Sr <sup>a</sup> V. P. - Pêro meno de quando era o presidente da rep, <b>perai</b> . + (159) Sr <sup>a</sup> V. P. - Eu num lembro não!	2	Marcador discursivo refreador  Marcador discursivo refreador
20	Sra. M. L.	(148) Arthur Ferreira - A senhora tem documentos, né? (149) Sr <sup>a</sup> M. L. - Tenho! (150) Arthur Ferreira - A senhora assino todos seus documentos? Num precisa mostrar não! (151) Sr <sup>a</sup> M. L. - <b>Peraí</b> eu gosto das minha coisa mostrada! + Aqui a minha cartera, (xxx) eu vi eu vivi no HPAP, ai nem o documento, moço, eu tenho, uma décimo terceru. Eu vivo assim...	1	Marcador discursivo refreador
21	Sra. S. C.	(105) Sr <sup>a</sup> S. C. - E ai boto ele no coleju de novo, ele continuo, pego gosto terminô o segund, tá terminando o segundo grau agora. Tá com vinte e três anos. (106) Arthur Ferreira - Ah, que bom! (107) Sr <sup>a</sup> S. C. - Vinte quatro! Não, <b>perai</b> , não é vinte quatro fez agora em julho.	1	Marcador discursivo refreador

22	Sr. A.	(118) Sr A. - Ai, no, no, embalo que operei eu fiquei de repouso em casa, e ela fico trabalhanu na casa da mãe dela, levanu a Jackeline e trazenu, certo, e já tava grávida do Rodrigo. (119) Arthur Ferreira - E como é foi é, a é os seus filhos aqui na escola em Brasília? (120) Sr A. - Então é o que'u, tâmo, <b>vâmo chegá lá!</b>	1	Marcador discursivo refreador
----	--------	---	---	----------------------------------